



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE RONDÔNIA

SECRETARIA LEGISLATIVA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

15ª AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR SOBRE A "EDIÇÃO DO ARRAIAL FLOR DO MARACUJÁ 2019"

Em: 20.05.2019

INICÍO: 9h35min

PRESIDENTE: SR. JAIR MONTES

O SR. RONI FREITAS DA SILVA (Mestre de Cerimônias) - Senhoras e senhores muito bom dia a todos. A Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia, atendendo ao Requerimento do Excelentíssimo Senhor Deputado Estadual Jair Montes, após aprovação em Plenário, realiza Audiência Pública com o objetivo de debater sobre a Edição do Arraial Flor do Maracujá 2019.

Nós convidamos para compor a Mesa desta Audiência Pública, senhor Jair Montes, Deputado Estadual, proponente desta Audiência Pública; senhor Eyder Brasil, Deputado Estadual; senhor Marcelo Cruz, Deputado Estadual; senhor Hélio Gomes Ferreira, Secretário Adjunto de Estado da

Segurança Defesa e Cidadania - Sesdec; senhor Jobson Bandeira dos Santos, Superintendente Estadual da Juventude, Cultura e Lazer - Sejucel; senhor Saulo Giordane, Coordenador de Turismo, representando a Superintendência Estadual de Turismo - Setur; Cap. PM Michelly, que nesta oportunidade representa o Comando Geral da Polícia Militar; Major BM Iranildo Dias de Andrade, representando o Comando Geral do Corpo de Bombeiros Militar; senhor Francisco Fernando Rodrigues Rocha, Presidente da Federação de Grupos de Dança Folclórico de Rondônia -Federon.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Invocando a proteção de Deus e em nome do povo rondoniense, declaro aberta esta Audiência Pública com o objetivo de debater sobre a Edição do Arraial Flor do Maracujá, edição 2019.

O SR. RONI FREITAS DA SILVA (Mestres de Cerimônias) - Nós convidamos aqueles que puderem, para que se coloquem de pé. Ouviremos o Hino Céus de Rondônia (letra de Joaquim Araújo Lima e música de José de Mello e Silva).

(Execução do Hino Céus de Rondônia)

O SR. RONI FREITAS DA SILVA (Mestre de Cerimônias)- Nós registramos e agradecemos a presença de Silvaneí Silva, Presidente do Boi Az de Ouro, Membro do Conselho Fiscal da Federon. Nossas boas-vindas ao Sílvio Santos, Zé Katraca, Corre Campo, Boi-Bumbá. Satisfação tê-lo conosco; Senhor Wellington Amorim, Presidente da Quadrilha Coração Dourado, nossas boas-vindas. Senhor José Carlos Brasil, Coordenador

Estadual de Políticas da SEAS, nesta oportunidade. É uma honra tê-lo conosco. Senhor Rodrigo Cerdeira, Presidente do Grêmio Recreativo Mocidade Junina. Muito obrigado pela presença. Senhora Poliana Gonçalves, Vice-Presidente do Grupo Folclórico UaiticuMuiacã. Muito obrigado pela presença de vocês. Todos os membros da agremiação Rádio Farol. Onde estão as nossas saudações a vocês? Senhor Paulo César Alves, Presidente dos Matutos do Socialista, e todos os membros das agremiações que nos honram com suas presenças, uma calorosa salva de palmas por terem vindo, por terem atendido ao pedido do Deputado Jair Montes, proponente desta Audiência Pública. Tenente Policial Militar Fabrício Vieira, que representa o 1º Batalhão da nossa briosa Polícia Militar. Uma honra tê-lo conosco.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Bom dia a todos, bom dia a todas. Para nós é um motivo de muito orgulho e de muita satisfação, nós estarmos aqui para a nossa primeira Audiência Pública como deputado estadual de Rondônia, em especial na nossa Capital, Porto Velho.

Eu quero agradecer aqui a presença do meu amigo Deputado Marcelo Cruz. O Deputado Marcelo Cruz é um amigo que nós caminhamos juntos desde vereadores, chegamos juntos a essa Casa. Obrigado pela sua presença. Ao nosso Líder do Governo Deputado Eyder Brasil, Deputado Estadual. Muito obrigado também, Deputado Eyder. Ao Excelentíssimo Sr. Hélio Gomes Ferreira, Secretário Adjunto de Estado da Segurança, Defesa e Cidadania -Sesdec. Obrigado pelo carinho e respeito de estar aqui conosco para tratarmos deste assunto tão importante, não só do Flor do Maracujá, mas da cultura do Estado. O Sr. Jobson Bandeira dos Santos, Superintendente Estadual da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer -Sejucel.

Jobson, obrigado pela presença também, pelo carinho e respeito de estar aqui.

Tendo em vista que esta Casa, aquilo que nós sempre falamos, nós somos independentes, tanto o Legislativo como o Executivo, mas estamos harmônicos. Obrigado por respeitar esse convite e estar aqui conosco. Senhor Paulo Giordane, Coordenador de Turismo, representando a Superintendência Estadual de Turismo -Setur. Este não chegou ainda, não é? O Ocampo também não veio. Não vi o Ocampo, já me deu trabalho, viu, como Vereador. E já começou dando trabalho como deputado. Oh, Ocampo! A representante, representando o Comando Geral da Polícia Militar, Capitã PM Michelly. Obrigado, Capitã. Senhor Francisco Fernando Rodrigues Rocha, Presidente da Federação do Grupo de Danças Folclóricas de Rondônia - Federon. Obrigado e seja bem-vindo.

Faltou alguém aqui. Faltou o Bombeiro ali que eu não falei o nome do nosso amigo Bombeiro. Major Bombeiro Iranildo Dias de Andrade, representando o Comando Geral do Corpo de Bombeiros. Mais alguém Jane? Saulo da SETUR. Obrigado, Saulo, por sua presença.

A gente, em Audiências Públicas, geralmente a gente sempre tratou Audiência Pública, Deputado Marcelo e Deputado Eyder Brasil... Professor Marcos Teixeira, representando a Unir. Muito obrigado por sua presença aqui conosco. Em nome do meu amigo Leandro da Quadrilha Girassol, também obrigado Leandro, aqui com sua turma. Nenenzão que está ali, com o pessoal ali também, já que foi já citado.

A gente trouxe esta Audiência para cá, Secretário, autoridades, vocês que representam a Cultura; vocês também que são das Quadrilhas; muitos ambulantes aqui conosco também, é para tratarmos assuntos já, mas que possamos

fazer daqui um caminho para que nós possamos buscar uma agenda positiva para o nosso Estado. Uma agenda positiva para o nosso Estado. Claro que nós temos experiências boas do passado, também temos experiências negativas, também.

Então, Deputado Marcelo, Deputado Eyder e Secretários, Adjuntos, autoridades, a gente vai abrir esses trabalhos ouvindo primeiro, Secretário, Federação, ouvindo primeiro as pessoas que vão se inscrever. Nós Vamos colocar aqui de 03 a 05 minutos no máximo. Não vamos nos estender muito. Fazer uma Audiência que possamos sair daqui com objetivo e possamos sair daqui todos satisfeitos, para que nós passamos, apartirdejá, criar uma agenda positiva da cultura do Estado. Tendo em vista que hoje Rondônia, em especial Porto Velho, nós estamos hoje cada dia brigando, brigando e não tem nada. A capital, mesmo, Secretário, nós tínhamos aqui um Flor do Maracujá linda e maravilhosa. Hoje, cada dia que passa, vai ficando um Flor do Maracujá, quando joga no bairro, joga numa rua, bota de novo no Parque dos Tanques e assim vai. Nós não temos uma identidade ainda e sendo uma festa tão linda nossa, que é uma festa aqui do Estado e mais precisamente da capital. E aí você também consegue trazer turistas para cá, para poder também movimentar a economia. Nós temos uma festa linda que não tem mais em Porto Velho, que era a Festa Agropecuária que terminou, era bonita. Tem que voltar, tem que voltar aquela Expovel. Hoje você passa no Parque dos Tanques derrubaram tudo, não é? Então, ali ninguém sabe o que funciona mais ali e ali, se eu não me engano... Secretário, é do Estado aquela área? É do Estado.

Então, assim, nós precisamos neste momento... Guajará-Mirim, uma cidade que eu tenho um carinho enorme, nós temos lá o Duelo das Fronteiras, não é isso? Tão lindo, tão bonito, mas também do mesmo jeito, nada anda, não funciona.

A gente ainda vê aqui uma festa bonita e organizada ali, que faz o Negaça, o próprio Dourado ali na zona sul, que se inicia agora, não é? O Flor do Cacto, não é?

Então assim, precisamos criar isso, porque eu me aproximei de muitas pessoas que mexem com a cultura em Rondônia e em Porto Velho, e são pessoas que suam, que se doam e não ganham nada para isso, só têm dor de cabeça, são guerreiros. Então, Secretário, o senhor tem uma missão importantíssima. O Governo, Deputado Eyder Brasil, Líder do Governo, nosso Líder nesta Casa, o Governo do Estado Marcos Rocha tem um desafio gigante, gigante. No decorrer dos seus quatro anos, resgatar de fato a cultura, a cultura organizada, não aquela cultura que o Governo coloca dinheiro e as pessoas gastam. Mas aquela cultura em que o Governo é parceiro e a iniciativa privada começa a investir para que possamos gerar tanto emprego quanto renda para este Estado. É isso que nós precisamos, certo?

Então, neste momento, eu, antes de abrir a palavra à Mesa aqui, eu tenho dois deputados, vocês têm prioridade, Marcelo e Eyder. Vamos ouvir primeiro o Deputado Marcelo, o Deputado Eyder. Quer falar agora?

Então, vou passar a palavra ao Deputado Eyder, enquanto a Jane já pega as pessoas, que nós vamos dar aí 05 minutos para ouvirmos vocês. Depois nós vamos ouvir aqui a Mesa, os Secretários, as autoridades, o Presidente da Federon.

O SR. EYDER BRASIL - Bom dia a todos. Quero agradecer a oportunidade do dom da vida, iniciando mais uma semana de muito trabalho aqui nesta Casa representando o povo. Quero aqui parabenizar o meu amigo Deputado Jair Montes, por ter proposto Audiência Pública, este evento tão

importante para o nosso Estado de Rondônia, em especial para a nossa Capital, que é o nosso tradicional Flor do Maracujá. Saudar aqui, o meu amigo Deputado Marcelo Cruz, em nome de quem represento e saúdo também todos os integrantes desta Mesa.

Dizer que é muito bom ter aqui na plateia grandes amigos, pessoas que eu conheço de longa data, que fazem a cultura aqui da nossa Capital acontecer. Parabenizo todos vocês e espero que nós possamos sair daqui hoje desta Audiência regozijados e motivados a realizarmos em 2019 a melhor Flor do Maracujá de todos os tempos. É isso que nós estamos propondo aqui com esta Audiência Pública, é assim que a gente está visualizando a nossa Flor do Maracujá para este ano de 2019. O melhor Flor do Maracujá de todos os tempos, que realmente Deus possa nos conceder tal graça. Deputado, eu volto a falar depois. Só queria realmente parabenizar e saudar todas as pessoas que fazem a cultura aqui da nossa Capital.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Nós vamos então iniciar, continuar a nossa Audiência. Eu tenho até o privilégio, o orgulho de convidar este Professor, que é um Professor que eu considero muito inteligente. Parabéns e vai trazer aqui o seu conhecimento aqui, representando a Unir, a Academia, Professor Marco Teixeira. O Professor Marco Teixeira vai nos apresentar alguns slides. Professor, nós vamos dar um pouquinho a mais de tempo ao Professor, porque nós vamos, praticamente, já está aí, Professor? Nós vamos, praticamente, seguir um norte pela fala do professor, está certo?

Professor Marco Teixeira. Uma salva de palmas para o Professor Marco Teixeira.

O SR. RONI FREITAS DA SILVA (Mestre de Cerimônias) - Professor Marco Teixeira, nós queremos agradecer a chegada da senhora Madeleine Novaes, Presidente do Boi-Bumbá Manhoso, muito obrigado pela presença; senhor Amarildo Magalhães, Presidente da Associação dos Ambulantes e Barraqueiros do Flor do Maracujá, é uma honra tê-los conosco; e a senhora Neiva Mariana, Presidente da Quadrilha Rosas de Ouro; e a Dona Francisca do Flor do Primavera também nos honra com a presença, a nossa reverência.

Professor Marco Teixeira da Unir, com a palavra.

O SR. MARCO ANTÔNIO DOMINGUES TEIXEIRA - Bom dia a todos os presentes, a todos os membros de grupos juninos, a quem saúdo em primeiro lugar, porque vocês fazem a maior festa deste Estado neste momento. Não só a maior festa, como vocês são os verdadeiros guardiões do nosso maior patrimônio cultural em funcionamento neste Estado. Porque como bem disse o deputado antes, nós estamos vivendo, na maioria das vezes, em relação à cultura da saudade que tínhamos do passado, quando alguma coisa funcionava. E, repetidamente, nós temos assistido a desmanches de todas as nossas atividades culturais. Se nós pensarmos no Carnaval; se nós pensarmos no tratoramento da própria Expovel; se nós pensarmos nas festas de tradição do Vale do Guaporé se nós pensarmos nos conjuntos de festas de escolas, que já não ocorrem mais, nós vemos que o que é realmente popular está sendo perdido neste Estado por uma série de fatores.

Então é nesse sentido que eu vou tentar fazer a minha apresentação, saudando primeiro os grupos de quadrilhas e bois-bumbás e seus Presidentes, porque são heróis que trabalham muito além daquilo que seria imaginável. Têm que

passar o ano de pires na mão, correndo de um lado, para outro para conseguir o mínimo para poder se apresentar com dignidade, mas, saudar principalmente a Federon que organiza e mantém esse trabalho de forma ativa, mesmo nos momentos de maior abandono em que o Flor de Maracujá se viu jogado. Pode passar, por favor, o slide.

Então, ao falarmos da questão do Flor do Maracujá e eu agradeço muito a esta Audiência Pública, Deputado Jair Montes, é uma honra para nós, eu gostaria de lembrar que eu estou usando textos do Zé Katraca, porque ninguém melhor do que ele para ter todo o registro e memória desse material. Nós vamos lembrar que essa festa, ela é de origem praticamente ancestral, os bois e as quadrilhas surgem com a própria cidade de Porto Velho. Algumas coisas novas estão sendo pesquisadas agora pela Universidade. Nós tínhamos a exata certeza que bois-bumbás, por exemplo, eram de tradição maranhense e eu acabei de voltar de uma pesquisa no Beni e encontrei antecedentes do boi-bumbá, muito parecido com o que nós dançamos na região beniana, outro Culto Coecito que era praticado pelos índios da região dos moxos, uma coisa colonial e os moxos que influenciaram muito a nossa cultura aqui porque desceram à força para os seringais do rio Madeira. Essas são novidades de pesquisa que a gente vai poder apresentar.

Essas festas nossas aconteciam em pequenos espaços enquanto éramos território, Mas com a passagem do Território a Estado, a festa ganhou uma dimensão muito maior e ela foi realizada pela primeira vez, em grande estilo, em 1982. E aí eu gostaria de saudar a professora Nazaré, a professora Yeda, o Flávio Carneiro, o Monteiro, a Bebel, tantos outros que ao longo dos tempos estiveram à frente do Flor do Maracujá e trabalharam perfeitamente com ele.

Essa festa mantém muito das nossas tradições e nos apresentam novidades que estão chegando às tradições também. Dificilmente você vai ter outras festas onde você encontra as mesmas comidas típicas; dificilmente você vai ter outra festa aonde você encontra povo de verdade, porque essa é uma festa montada pelos grupos de bairros e de periferias da cidade que demonstram uma capacidade de organização muito grande.

O arraial foi iniciado em 1982 e em 1983 foi transferido para o Claudio Coutinho. E daí para frente ele tem uma história de movimentação e de flutuação ao sabor de cada governo, mostrando que não houve política pública consistente para isso aí, desde as suas origens até os dias atuais. A própria ausência de um lugar definitivo demonstra o quanto o Estado não se interessou por isso.

E aí eu digo uma coisa: porque o boi de Parintins é o sucesso que é? Porque existe uma estrutura do Estado que enxergou naquilo o turismo, enxergou naquilo comércio, enxergou naquilo cultura, enxergou votos, enxergou bem-estar para sua população. Aqui nós temos assistido atropelos por cima de atropelos. Já fomos o melhor carnaval da Amazônia ocidental, já tivemos o maior arraial da região norte e vamos ver essas coisas escorrerem entre os dedos até quando?

Em 2005, o FlorMaracujá foi realizado no Parque de Exposição da Associação dos Produtores Rurais de Porto Velho e essa movimentação começa a se tornar dramática durante muito tempo, até que eles estabelecem definitivamente, o local em que acontece hoje, ainda com situações precárias, devido a problemas que ninguém enxerga, como por exemplo, a facilitação do acesso de ônibus. Vamos baratear o custo do Flor do Maracujá? vamos tentar conversar com as empresas para oferecerem um serviço

melhor, baratear os preços das passagens de ônibus, tirarmos um pouco do horror de taxas, como vou demonstrar, são pagas a todo arraial pela Federon, que pesam substancialmente nas receitas. Quero lembrar que o arraial é uma realização de grupos sob a Federon. Todos os filiados da Federon se apresentam ali. E eu participo muitas vezes, embora não seja da Federon, de debates e mais debates para poder ver como é que isso acontece. E participo depois, por que sou amigo de muita gente, de muita quadrilha e de muito boi, tanto do choro quanto da alegria que é viver dessa experiência.

Devo reconhecer neste momento, que há grandes patrimônios aqui presentes: professor Aluizio Guedes, do Diamante, ele merece uma salva de palmas; o nosso jornalista Zé Katraca, que não só representa um dos bois mais tradicionais do nosso Estado como é a voz da mídiatanto da Federon quanto do Arraial. Famílias tradicionais como os Castros Alves, mas, em especial eu gostaria de homenagear duas pessoas neste momento, embora eu considere que todos os Presidentes de Grupo e todos os brincantes tenham o mesmo valor e importância no desenvolvimento da atividade, mas eu homenageio, especialmente, o Professor Severino Castro. Por favor, Professor, porque o senhor é uma referência que ultrapassa muito a mera questão junina, o senhor é referência cultural neste Estado há muito tempo. E qualquer um que viveu aqui desde o território até agora, sabe da sua cultura, sabe do seu currículo e sabe do seu empenho como pessoa a isso tudo.

E aí eu coloco uma coisa básica, pensamos no que foi o Arraial antes e depois da entrada da Rádio Farol, que serve realmente como um farol para quase todas as outras. E a disputa vem acontecendo na ideia de organizar, na ideia de

tornar-se um bem útil socialmente porque isso é exigido dentro da Rádio Farol. E eu sei, alunos têm que estar estudando, têm que estar com notas em dias; há horários para poder trabalhar, há horários para poder ensaiar e essas quadrilhas todas estão fazendo isso, tirando jovens e crianças da periferia, tirando jovens e crianças dos perigos do contato com drogas e exigindo desses jovens e dessas crianças que assumam responsabilidades como grupo que trabalha por ele.

Outro exemplo notável é o Fernando, da Roça é Nossa, que merece todo o nosso respeito porque passa o ano inteiro junto com o Severino e junto com a Federon, correndo atrás das possibilidades, tendo que fazer com que as coisas aconteçam. E muitas vezes eu mesmo presencio que até na hora de começar ainda pairam dúvidas porque recursos prometidos não chegam; Emendas não caem na conta da Federon, caem em contas públicas e muitas vezes não chegam lá. Então, isso tudo tem que ser levado em conta quando se fala algumas coisas que eu ouvi falarem. Têm inclusive gravações sobre o assunto que eu considero absolutamente desastrosas, falando de "quadrilha" no sentido pejorativo da palavra, a respeito da administração da Federon e isso é um absurdo, deputados. Quem está lá dentro, sabe da dedicação de cada membro da Federon e sabe da dedicação de cada membro e de cada brincante dos seus grupos.

Então, nesse ponto, Professor Severino, Fernando, eu pessoalmente gostaria de pedir desculpas pelos ultrajes que a gente ouve em algumas situações. Se há uma quadrilha na Federon é uma quadrilha junina em grande estilo, das melhores do Brasil. E essa referência de tornar a nossa quadrilha competitiva no Brasil inteiro, que eu considero melhor do que a maioria das quadrilhas do Brasil, vem de quadrilhas como a Roça é Nossa, vem de quadrilha como a da

Rádio Farol, Flor da Primavera, da Mocidade Junina, da Tradição, dos Matutos do Guaporé. Porque estão na briga, não se contentam em ser pequenas para sempre, estão lutando, estão desafiando e estão buscando seu lugar. A Rosa de Ouro, que já foi campeã; a Girassol, que atualmente é uma força JUABP, todos esses grupos representam a nossa sociedade e representam muito bem. Representam principalmente a nossa população pobre, que melhor do que todo o resto faz cultura, tirando dinheiro de pedras para poder se vestir.

Os repasses que a Flor do Maracujá recebe durante muito tempo são oriundos de Emendas, são oriundos de subsídios particulares, de doações, de patrocínios. No auge desses repasses para os grupos juninos, que foi, se não me engano, em 2011, cada grupo chegou receber R\$ 30 mil. Atualmente, no ano passado foi em média R\$ 6.500,00 (seis mil e quinhentos reais) de patrocínio para poder levar uma quadrilha. Eu pergunto a qualquer pessoa, os senhores têm ideia do custo da roupa do casal de noivos? Alguém tem ideia do custo da roupa de um Juiz? Alguém tem ideia do custo que é o som para se ensaiar a quadrilha? Ou do sono que os nossos jovens perdem a cada noite para poder se preparar durante o ano inteiro? A quadrilha não acontece naquele dia, ela vai começar acontecer no dia seguinte a Flor do Maracujá e vai se estender até a realização do próximo Flor do Maracujá, com muito sangue, com muito suor, com muitas lágrimas, com alegrias, com confraternizações como a gente vê a cada fim de semana, agora, na apresentação dos personagens que são realizados pelas quadrilhas e com muita dedicação.

Fala-se do custo exorbitante das barracas, nós temos aí planilhas sobre isso. Então, quando se fala desse custo exorbitante, a gente vai lembrar que o custo médio das

barracas fica entre mil e dois reais por pelo menos 10 noites, mas as barracas já vêm montadas, com a energia elétrica paga, com água, com luz, com a infraestrutura, com geleiras, com mesas. Gente, as geleiras, a luz, a água, a padronização, a infraestrutura de chão, é toda montada, ou vocês vão lá fazer asfalto, levam as geleiras, que já são combinadas? O Parque, que é uma coisa a parte, tem direito a barracas próprias. E vamos colocar R\$ 2 mil durante 10 noites, que são para os grandes restaurantes e para as pastelarias, vai dar uma média de R\$ 200,00 por dia, que é a média de consumo de uma mesa. Eu gasto muito lá, e vou falar disso também, sei que vou falar.

Então, quando eu falo dessas apresentações, eu estou falando de geração de renda e quando eu falo de geração de renda, eu não estou falando só de barracas. Sei do gasto do barraqueiro, é claro que sei. Agora, sei também que se não tivesse que gastar tanto com os impostos, que vocês não têm que pagar; com as taxas que vocês não têm que pagar; o custo poderia ser diminuído. Então, queremos diminuir custos para vocês. Vamos tornar o Flor de Maracujá de Utilidade Pública e eximir a Federação de pagar os recursos que tem pagado, de desembolsar o horror de dinheiro. Pode passar, por favor, a tabela de gastos, mais adiante. Aí, essas são despesas do Flor do Maracujá. Está lá à disposição, está lá à disposição. A prestação é pública, a prestação de contas é pública, e esses dados aqui, se não forem reais, podem ser contestados judicialmente.

E aí eu lembro uma coisa, se os próprios grupos juninos não se unem para defender a instituição que lhes representa, o destino é a ruína. Enquanto o Flor do Maracujá e a Federação funcionarem como uma muralha, há defesa para isso tudo. Nós assistimos essa fragmentação com as Escolas de Samba, com a dissolução da Federação das

Escolas de Samba. E qual é o resultado? Acabou o carnaval de rua. Pois aqui a prestação de contas está feita. Há uma única pendência, única em relação à Federon, que se trata de um recurso para contratação de canal televisivo, em 2011, que ainda não foi julgado. Está no TCE e ainda não foi julgado. Então, por favor, pensam nas acusações que fazem. Passe, por favor.

Aí nós temos toda a questão dos depósitos feitos e a prestação de cheque subsequente, porque é pago tudo com cheque, portanto, é possível ser rastreado, de todos os itens. O que é que precisa para vocês terem acesso? Está lá dentro. Pedir a prestação de contas de forma oficial, porque ela é pública e é disponibilizada. Então, quando eu coloco na berlinda a Instituição que tem feito esse Arraial acontecer durante muito tempo, não tenham dúvidas, os senhores estão se colocando na berlinda também. Porque depois que se dissolve a organização geral do grupo, é fácil ir eliminando um a um. E não estou falando isso deste governo não, mas estou falando disso de experiências passadas, que destruíram o nosso carnaval, que destruíram outras festas dessa maneira, e cada ano alegando um motivo para não repassar recurso nenhum.

Agora, eu pergunto: quanto é que Humaitá repassa para o seu Arraial? Peço aos senhores da Mesa que se dêem ao trabalho de ir um dia assistir ao Arraial em Humaitá, que é uma cidade que não tem a renda do nosso município, que não tem o tamanho do nosso município, mas que se apresenta de forma gigantesca.

Peço também que façam uma comparação dos custos alimentares, tanto de refrigerantes, quanto de cerveja, quanto de comida, que não são exorbitantes, com qualquer evento na cidade, para então poder avaliar se realmente esses custos estão altos.

E peço que analisem, o Flor do Maracujá, movimenta por ano pelo menos cem mil pessoas, entre brincantes, entre o pessoal das barracas, entre costureiras, entre figurinistas, entre escultores, artesãos. Essa gente toda tira uma parte do seu sustento anual desse evento que se fragmentado, vai se perder.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Senhor Marco Teixeira, mais três minutos para a gente encerrar sua fala.

O SR. MARCO ANTÔNIO DOMINGUES TEIXEIRA - Sim, três minutos eu encerro, deputado. Muito obrigado. Dessa forma o que eu digo a vocês, a prestação de contas está aqui, fica pública no computador da Assembleia Legislativa para todos que tiverem interesse, como está pública lá na Federon, e transparente.

Então, gravações como eu ouvi falando que vão eliminar quadrilhas, para mim, quando falam que vão eliminar quadrilhas, querem eliminar quadrilha junina, e isso para a gente é muito grave. Nós esperamos o que do poder público? Parceria, cooperação e caminhada lado a lado, mas, respeitando os autores da festa, que eles possam fazer isso junto, e que o comando dessa festa, seja reconhecido à Federon, que o Flor do Maracujá, seja mantido como patrimônio histórico e cultural, material e imaterial desta cidade para que ele não caia nas mesmas armadilhas do passado, que destruíram boa parte do legado cultural e transformaram muitos dos nossos legados culturais em eventos sem sentido.

Então, eu agradeço essa oportunidade de ter falado, mais uma vez homenageio a Federon; homenageio todos os quadrilheiros; homenageio o pessoal das barracas que estão lá o tempo inteiro; homenageio pessoas que participam da

festa, porque se os senhores olharem a diferença do nosso público é muito grande. Embora a gente movimente, nesses 10 dias, aproximadamente, cem mil pessoas, as pessoas que frequentam o Flor do Maracujá são pessoas de bairros e periféricas, com pouca chance de ter uma festa para si. E esta festa depois movimenta um circuito que corre todos os bairros, mas ela é principalmente dos grupos mais populares, não é? O que eu digo é o seguinte, nós não vemos classe média, classe alta lá dentro do Flor do Maracujá, porque no mesmo período, eles vão viajar para Ariquemes, viajar para Ji-Paraná, para as Expovel, para as Expoari, porque esta festa já foi nos tirada daqui.

Mostrei para vocês o gasto, peguem a renda, está toda aí. Está toda aí disponível. Infelizmente, eu não vou ter tempo de explicar tudo, mas um total de R\$ 343 mil, já contando com aluguel, com luz, com tudo, não me venham falar..., R\$ 200 mil é feito de patrocínio, que a Marquise normalmente quem faz, não é? Gente a prestação de contas está aqui, e aí nesse ponto, eu quero agradecer inclusive...

O SR. JAIR MONTES (Presidente) -Conclua, professor.

O SR. MARCO ANTÔNIO DOMINGUES TEIXEIRA - Agradecer muitos políticos que apoiam, Dona Val, o Deputado Expedito Júnior e outros que têm se mostrado parceiros do evento. Agora, peço que todos os políticos abracem a causa e que não transformem essa em uma festa do Governo.

O SR. JAIR MONTES (Presidente)- Conclua, professor.

O SR. MARCO ANTÔNIO DOMINGUES TEIXEIRA - E sim em uma festa do Estado. Muito obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado, Professor Marco. Convido a fazer uso da palavra, o senhor Rodrigo Cerdeira, Quadrilha Mocidade Junina, cinco minutos. O professor foi uma exceção. Já chegando aqui, nós vamos cumprimentar o senhor Aldo, da Escola de Samba São João Batista. Seja bem-vindo a nossa Audiência.

O SR. RODRIGO CERDEIRA - Bom dia a todos os presentes. Bom dia aosdeputados, aos representantes do Estado, a todos os nossos colegas do comércio, dos arraiais, famosos barraqueiros, ambulantes que estão conosco, a todos os grupos o nosso bom-dia a todos os Presidentes e amigos do Folclore e da Cultura deste Estado.

Eu vou passar para a Mesa, quero deixar aqui apenas três informações, não vou ocupar os cinco minutos. Senhores, a cultura é tudo aquilo que o homem ou que o povo produz por si só, isso é cultura, isso é folclore. Então, não dá para entender como não proporcionar ao próprio produtor cultural, a idealização, a organização e a realização da sua manifestação cultural. É impossível conceber tal fato. Não há ninguém melhor para realizar e organizar, que não o próprio produtor, como uma mãe e um filho.

Então, isso nos leva a requerer, senhores deputados e senhor Secretário, Superintendentes e representantes do Estado, a participação dos grupos folclóricos, não apenas diretamente os grupos folclóricos, mas nós grupos

folclóricos temos uma representação. Nós nos organizamos, nos unimos e montamos uma entidade para nos representar nos grandes eventos, perante à população de Rondônia, à população de Porto Velho, que nos representa juridicamente, nos representa socialmente, culturalmente.

Então, senhor Superintendente, essa é a minha segunda solicitação, a participação dos verdadeiros produtores culturais, daquilo que o Flor do Maracujá nos propõe.

O último ponto que eu gostaria de apresentar os senhores, já passo aqui. Senhores, baseados na proposta que recebemos da instituição, da Superintendência SEJUCEL, verificamos que de acordo com a proposta que nós recebemos, como o Professor Marco Teixeira falou, nós vislumbramos um desmantelamento do nosso trabalho com a inclusão de jurados de outra região do nosso País, sem o devido adequação ou aprimoramento, pois, o que nós produzimos aqui, Fernando, Secretário, é a expressão do folclore cultural da nossa região, é a nossa identidade cultural. Não há colegas quadrilheiros, colegas barraqueiros, que vocês nos acompanham.

Como que o jurado vai vir lá do Nordeste, como é que ele vai julgar o nosso seringueiro, o nosso caçador? Identidade Regional. Por incrível que pareça, os jurados dos grandes centros já não julgam mais Lampião e Maria Bonita, porque o próprio Nordeste já não inclui mais essa tendência regional. E o Estado, os nossos grupos aqui em Porto Velho ainda nós zelamos muito pela nossa identidade regional, pela nossa própria identidade.

Então, senhores, nós temos elementos, nas nossas apresentações, que são dedicados puramente à expressão da nossa região. Então fica praticamente, inconcebível sermos

avaliados por pessoas que não têm o pleno conhecimento da nossa cultura regional.

São os três pontos que eu preparei. Espero ter contribuído. E, senhores do Estado, muita responsabilidade com essa Festa, com a manifestação, porque mais uma vez o folclore e a cultura é a produção do povo, é a expressão popular. Muito obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado. Obrigado por respeitar o nosso tempo. Para fazer uso da palavra o senhor Roberto Matias, Vice-Presidente da Rosa Divina, pelo prazo de até cinco minutos.

O SR. ROBERTO MATIAS - Bom dia a todos. Em nome do Deputado Jair Montes eu quero cumprimentar a Mesa e aos demais e, em nome do Professor Severino Silva Castro, quero cumprimentar os demais Presidentes de Grupos Folclóricos de Quadrilhas; e em nome do Zé Katraca os dos Boi-Bumbás.

Eu não quero me alongar aqui muito, simplesmente só deixar um registro pela presença. Eu não poderia deixar de vir aqui pelo fato da minha agremiação fazer parte da primeira mostra de Quadrilha Boi-Bumbá do Estado de Rondônia. E fazendo 40 anos de Folclore em Porto Velho já passamos por muitas situações de Arraial. Cada edição é um desafio.

E gostaria simplesmente de dizer que eu acho que qualquer Grupo de Boi, de Quadrilha e a Federon não está querendo, nunca houve a intenção de tirar recurso público da Segurança Pública, da Saúde, de qualquer órgão que seja do Estado. Simplesmente, eu acho que é de vontade que o Governo, simplesmente, dê apoio, dê uma estrutura. Não

precisa da questão de recurso, porque cada um de nós, eu falo nós, assim, os Presidentes passam o ano trabalhando, é um vendendo frango frito, outro vendendo peixe frito, é outro fazendo feijoada. Isso é o ano todo para a gente buscar recursos, ir atrás de patrocínio, de patrocinadores para que a gente possa fazer uma grande festa, independente do setor da Secel, ou seja, da Sejucel, ainda estou com a cabeça em mil novecentos e não sei o quê.

Então essa é a minha conversa que eu tinha que deixar e ter que dizer alguma coisa, ter o uso da palavra simplesmente porque nós estamos vendo outra situação durante 40 anos no São João, no Arraial Flor do Maracujá. Obrigado a todos, um prazer.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado por respeitar o nosso tempo. Com a palavra o senhor Francisco Clodoaldo, Presidente da Liga dos Arraiais. Francisco Clodoaldo, vulgo Negaça.

O SR. FRANCISCO CLODOALDO - Sou eu mesmo. Gente, bom dia. Primeiramente a gente agradece a Deus, depois aos senhores que compõem a Mesa, os nobres deputados, o Secretário Fernando, Presidente da Federon.

Dizer para vocês que não é fácil fazer cultura. Particularmente, todos sabem o trabalho que eu realizo lá no Arraial Flor de Cacto, danço com um grupo, sou Vice-Presidente de um Grupo, a Flor da Primavera, a dona Francisca a minha Presidente está aí. E é difícil a gente dançar, praticar, trabalhar, realizar cultura.

A gente tem notado, para deixar registrado aí na Mesa quehá, tipo, uma divergência nas falas ou até mesmo nas

colocações quanto à realização do nosso Flor do Maracujá. Todo mundo sabe a dificuldade que é fazer. A gente também, de certa maneira, parabeniza os ambulantes. Sexta-feira começa o Flor do Cacto, e eles são os meus parceiros. Lá a gente vai ter um concurso, a gente vai pagar um dinheirinho pouquinho, mas a gente vai disponibilizar R\$ 15 mil de premiação dentro daquilo que a gente consegue e arrecada. E os meus parceiros são os ambulantes, os barraqueiros que estão lá comigo. Já fui também um ambulante, um barraqueiro, Deus me abençoou, eu estudei um pouquinho e já sou engenheiro, inclusive, engenheiro do Flor do Maracujá, independente de qualquer coisa sou engenheiro da Liga dos Arraiais e sou também o que produz lá o Arraial Flor de Cacto. A gente começa, termina um e busca no outro. O Fernando sabe o quanto que é difícil fazer, entendeu? E faz também um Arraial lá no Esperança da Comunidade, o Comunidade do Sertão, é um Arraial do circuito junino de Porto Velho, você veja que a gente reúne com o Ocampo e a gente faz o circuito junino. Quem abre o circuito junino é o Flor do Cacto, onde esse aparato e ajuntado cultural de vocês, nós quadrilheiros iremos para o Flor do Cacto com apresentações e também com o fomento realizado pela organização do Joãozinho da Federon, lá nesse concurso que haverá no Flor de Cacto.

Mas deixar registrado, gente, que o Flor do Maracujá é algo muito importante, faz parte da nossa identidade de Porto Velho, você vê que o Flor do Maracujá já está indo para os 40 anos. É muito tempo de cultura e isso merece um olhar especial por parte do Governo para poder dar estrutura, porque eu sei a dificuldade que é. Você vê que a gente busca parceria com a Polícia Militar do Estado de Rondônia, a gente busca parceria com os Bombeiros, porque há um projeto de engenharia, onde a gente busca para que esteja tudo dentro das normas e há um custo, há um custo.

As ARTs, e há um custo que eu não sei, não foi nem citado, mas se torna um custo e se torna também tempo, porque não se faz da noite para o dia. A gente trabalha em torno aí de 60 dias antes, que começa essa parte burocrática de documentação junto aos órgãos, a buscar o alvará da Sema, para a gente ter o alvará de sonorização e buscar toda a aparte estrutural.

E dizer, é trabalhoso. Você viu o que o nosso amigo Roberto Matias, que é meu amigo há muitos anos, há mais de 30 anos aí, o quanto que os grupos sofrem para chegar até o Flor do Maracujá. Essa época de Carnaval, enquanto muita gente brinca Carnaval, há um planejamento e o trabalho e o suor dos grupos lá na sua quadra, dançando, se preparando para que chegue até o ápice, que é o nosso Flor do Maracujá.

O que tem que ficar dito é que a gente tem que se ajudar, porque senão nós todos que se envolve nesse processo, pode minimizar e, de certa maneira, diminuir, que nem já acabaram várias festas grandes aqui na nossa Capital. Acabou por quê? Acabou porque não houve um direcionamento de certa maneira por parte do poder público e também o entendimento da sociedade. E aí, depois vai se esvaindo, vai se acabando e finda que no final fica para a história, acabou a Expovel. Então, não vamos deixar isso acontecer. Eu já visitei, não sei se algum da Mesa Diretora já foi à noite onde os grupos ensaiam. Se vocês já viram também o que é a correria desse povo, os ambulantes, os barraqueiros para poder deixar uma barraca bem ornamentada, pronta para poder trabalhar e poder servir. Eu não vou entrar no mérito em relação a valores, mas, eu vou entrar no mérito em um ajuntado cultural que é todo mundo, porque envolve todos. A gente tem que pegar e dizer: gente,

envolve vocês, envolve os grupos e somos nós que fazemos a cultura.

Eu acho que a gente tem que pegar e dar as mãos, definir o que é melhor para a cultura do município porque senão minimiza, vai acabando, fica sem força nosso Flor do Maracujá. Então é isso que eu queria deixar registrado, a Federon faz o seu trabalho, realiza. O Flor do Maracujá acontece todos os anos e a gente vê o Fernando à frente, o Severino também na organização, você vê que é muita coisa para ser feita lá. Tem o Jailson que ornamenta tudo com a equipe gigante para deixar tudo bonitinho e aí depois vão os grupos lá para poder se apresentar e há uma trabalhabilidade muito gigante que quem conhece sabe, quem faz arraial, que produz desde o nada, até que se chegue o dia, é bastante complicado.

E deixar o convite todo especial, sexta-feira, o Flor do Cacto, na sua 22ª edição, já são 22 anos, vai acontecer na periferia da cidade, é o que abre as festividades juninas do circuito de Porto Velho e depois em seguida vai ter o Arraial Leste e depois o Flor do Maracujá.

Nesta Audiência Pública, eu acho que seria bom que a nossa Sejucel junto como o Fernando, que a gente tenha um entendimento melhor para que o nosso Flor do Maracujá sem os grupos, eu acho que fica difícil. Porque os grupos que são a alma, que é todo esse trabalho, esse suor gasto nas quadras para chegar até lá. Então eu creio que seria interessante a gente ter uma união, uma coerência para que todos saiam ganhando, tanto nossos amigos ambulantes, barraqueiros quanto os produtores culturais, os Presidentes que sabem do que a gente está falando, porque não é fácil você ser Presidente de um grupo, trabalhar e fazer acontecer. Porque muitas das vezes vocês são convidados e dançam em ruas de cascalhos, muitos já dançaram em arraiais

pequenos, se apresentam para poder fomentar ali, R\$ 300,00 na apresentação, muitas das vezes não dá nem para pagar o transporte, mas vai, divulga que o grupo esteve lá. Então, gente...

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Conclua, Negaça.

O SR. FRANCISCO CLODOALDO - É muito difícil fazer a cultura, mas não devemos esmorecer nem perder o foco. Devemos sim nos unir e fazer a cultura acontecer em Porto Velho, porque isso reflete para nós todos, o Estado, que é o nosso grande Flor do Maracujá. Meu muito obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente)- Só Deus sabe a dor de cabeça que me dá essa Flor do Cacto, meu Pai do céu!

Com a palavra o Sr. Aluízio Guedes, Vice-Presidente da Federon, até cinco minutos, Sr. Aluízio.

Neste momento o nosso Secretário Adjunto do Estado da Segurança, Defesa e Cidadania - SESDEC, Excelentíssimo Senhor Hélio Gomes Ferreira, vai precisar se ausentar. Nós temos aqui já a Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, então Secretário pode ir lá, vá com Deus, só prepare a tropa para poder trabalhar no Flor do Maracujá.

O SR. ALUÍZIO GUEDES - Bom dia a todos. Acho que a minha imagem já diz tudo, quase 70 anos, muita coisa que aconteceu e que vem acontecendo, eu não precisei olhar nos livros ou ir pela conversa dos outros. A minha imagem já diz que eu sou um dos pioneiros e é verdade, talvez um dos

mais pioneiros, filho daqui. Mas eu quero usar, até porque como o professor a gente não traz o papel na mão, o papel está aqui na inteligência, nós somos muito de improviso, até porque sou repentista e o repentista do bom é aquele que tira na hora.

Não fui o fundador do Flor do Maracujá, ou seja, não estive na primeira equipe, mas fiz parte das raízes, dos primeiros projetos. Eu já participei, já entrei no Flor do Maracujá na segunda mostra, 1983, como um dos locutores, um dos apresentadores do Flor do Maracujá, já me aposentando do rádio, história junto com a Rádio Caiari desde 1964. Mas, eu quero usar duas palavras, me polície para eu não passar do tempo, tradição e modernidade. A tradição se forma com cada atitude, com cada ação se transforma no coração do povo e que nós chamamos de aceitação popular. Por isso o próprio homem é produto das suas ações e essas ações podem ser boas, podem ser ruins. Podemos produzir algumas ações que não serão aceitas no popular, no coração do povo. A modernidade é necessária, mas também se nós não soubermos usar esse tempero, porque eu chamo de modernidade, podemos salgar ou podemos deixar insosso. Por isso, muito cuidado com essa história de juntar num caminho só, tradição e modernidade.

O Flor do Maracujá, e agora eu começo repetir alguma coisa que alguns colegas já falaram e é a pura verdade, o Flor do Maracujá, antes, os grupos dançavam nos arraiais das Igrejas, nos pátios das Igrejas, os grupos dançavam em todos os recantos, escolas, na frente das suas residências, mas, de repente, nós acordamos e verificamos que a gente precisava ter um local para que a gente mostrasse o nosso trabalho. Aí se criou o Flor do Maracujá pelos grupos, não foi pelo Governo. É tanto que o Governo, na época, rejeitou e quem fez o Flor do Maracujá foi uma Associação dos

Servidores que deu o nome e, naquela época, o CNPJ para que acontecesse o Flor do Maracujá. Porque no primeiro projeto o Governo rejeitou, eu estava lá, por isso que eu falei que a minha cara já diz tudo pelo tempo.

Criamos o Flor do Maracujá com o objetivo, entretantos, de servir de palco para o grande espetáculo que já se fazia na comunidade e propagar para o povo, para a sociedade esse grande palco mágico que é o palco do Flor do Maracujá. De repente, ao passar dos anos ele foi se transformando e a gente foi observando, com a modernidade, que muita coisa não estava dando certo. Uma dela, quando o Governo assumiu o Flor do Maracujá para dirigir, centralizou o Flor do Maracujá e acabou com os arraiais da comunidade. Acabou porque a gente só se vestia, só se preparava para o Flor do Maracujá e os arraiais começaram, comunitário, começou a ser extinto. Quando os grupos se organizaram, e hoje eu quero dizer, apesar de termos alguns grupos ainda necessitando de um gerenciamento melhor, de documentação, mas os grupos hoje, nesse setor são os mais organizados, que precisa um açúcar no café e esse açúcar é o Governo, para orientá-los tecnicamente para que a gente não erre, lá na frente, como prestar conta, como tirar os seus documentos todos certinhos. Nós precisamos de um apoio técnico e não que faça a festa para a gente.

Quando a Federon assumiu novamente, parece-me que, se não me falha a memória, de 2013 para cá, se criou o CircoJunino. O Flor do Maracujá deixou de ser central e passou a valorizar os arraiais dos bairros que hoje é um espetáculo aí dirigido, se não me falha a memória agora, pelo nosso Negaça. Os arraiais passaram a ter valor, os grupos começaram, deixou de ser centralizado só no Flor do Maracujá, esses são os benefícios.

Fiz parte da primeira equipe junto com a Professora Nazaré, no sentido de a gente aceitar os nossos barraqueiros, pessoas simples, não tinham grandes empresários, não tinham grandes capitalistas. Eram pessoas que realmente precisavam trabalhar no Flor do Maracujá porque a cultura dá emprego e renda, ela não é gasto gente. Por isso eu me lembro de algumas barracas que eu fui que dei o visto naquela época. Uma delas era Tradição, e outras daquele cidadão que faleceu perto do Ipiranga, o Claudinho. Nossa! Eu não dormia porque o pessoal chegava de madrugada atrás de barraca.

Então, o que é que eu quero dizer? Senhores, vocês são aceitáveis no nosso meio porque a cultura não tem dono. Infelizmente, algumas coisas se acabaram porque tinha dono, a Expovel tinha dono! Enquanto tiver dono, a cultura vai acabando. Nós precisamos trabalhar de forma coletiva. Oboi, aliás, o meu protesto está? Pouco se falou de boi agora, parece que eu estou sendo o primeiro.

Então, o que é que acontece? Quando a gente se organiza de tal forma, e hoje estamos organizados e a Federon gente, desculpe, não quero citar nome, porque aqui não é nome, mas a Federon, se ela ficou inadimplente, quando o Governo interviniu, quando o Governo quis assumir Guajará-Mirim acabou, foi culpa do Governo. Deu R\$ 500 mil para cada boi, na mão de pessoas que não sabiam gerenciar, não sabiam prestar conta e a preocupação, pega R\$ 500 mil vai fazer, eu quero festival. Depois cobrou, todo mundo ficou enrolado e até hoje não tem um dos maiores festejo de Boi-Bumbá da Amazônia, que está extinto. Não falo de grupo não, isso pode acontecer aqui também.

Por isso, quero para fechar aqui a palavra. Eu, como folclorista, dependo; dependo de quem está no gerenciamento da Secretaria de Cultura do município, como do Estado,

dependo. Não quero ser inimigo. Mas também não posso ficar em casa calado, dando infarto, por não ter coragem de falar para o Secretário às coisas que devem ser feitas, porque ele tem boa vontade, ele quer realizar. Mas eu abri a minha palavra aqui, aquela questão de receber aqui algumas coisas, de gente cochichando nos ouvidos. Então, eu como pedagogo, sempre trabalhei no João Bento com mais de 120 professores e não tinha que ir pela amizade com o professor, da professora não.

Então, eu gostaria de pedir, se senta, porque você tem uma boa vontade de fazer as coisas, é jovem, sente com a Federon e veja o que se pode fazer no sentido de ter essa parceria conjunta, no sentido de valorizar o que nós fizemos antes. Não tinha nada, o Governo nos abandonou em 2013.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Conclua, conclua Aluízio.

O SR. ALUÍZIO GUEDES - Tudo bem. Quem arranhou, de 2013 para cá, quem conseguiu na Assembleia, foi a Federon. E o dinheiro, em vez de vir para o grupo, até por causa da inadimplência, que o eu acabei de falar que o Governo tem culpa daquela..., das transmissões. O governo pegou R\$ 250 mil, por exemplo, e pagou a estrutura, que era o dinheiro para os grupos. Aí, depois, bota na imprensa: "nós arranjamos recursos para os Grupos Folclóricos". Mentira, gente! Desculpa, era isso que eu queria falar. Obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado, Aluízio. O último da plateia, nossos amigos inscritos para falar

agora, ficou por último o Silvio Santos, não é aquele da TV SBT não, é o Silvio Santos nosso mesmo. Vulgo Zé Katraca, Corre Campo Boi-Bumbá. Até cinco minutos, Zé Katraca.

O SR. SÍLVIO SANTOS - Obrigado. Bom dia a todos. Antes cumprimento toda a Mesa, o Secretário Jobson, meu amigo Deputado Eyder, o deputado dançarino. Em nome do Severino Castro, baluarte, todos os colegas; e em nome do Ceará, todos os barraqueiros, o Ceará do pastel, o Fome Zero. É isso aí!

Então, como o Aluizio acabou de falar, e o Boi-Bumbá? "Vem ver, ó morena bonita, com o seu laço de fita no Flor do Maracujá. Vem ver o meu Boi Az de Ouro, Corre Campo e tudo mais. Verdadeiro tesouro do folclore popular". É assim, essa é a cantoria do boi que a gente faz, eu, o Aluizio Guedes, o pessoal do Silfarnei, todos os bois, todos os anos vão para lá para cantar a nossa cultura, o que nós temos.

Querem destruir? Querem. Quando falam, quando falam: "nós vamos fazer o evento dentro da legalidade". Nos chamam de ladrão também. Querem dizer que a gente não faz a coisa legal. Pois quem faz legal somos nós, Federon. Nós é que fazemos legal. Nós prestamos conta desde 2014 lá no Tribunal de Contas. Nós vamos lá fazer a nossa planilha, Ministério Público, aliás, no MP e aí vem alguém cobrando, "não presta conta". Que não presta conta, rapaz! Você não sabe de nada! A Federon está lá enrolada no Tribunal de Contas, numa despesa, num convênio que infelizmente o Presidente da época, eu não lembro se foi o Fernando, aceitou, mas em nome da mídia para transmitir o Flor do Maracujá, patrocinado pelo Governo do Estado. O dinheiro era o Governo que estava passando, só usou a gente de

escada para passar para aquele grupo de comunicação. Mas o governo não passou o dinheiro todo, era um milhão e seiscentos, ele só passou R\$ 800 mil e quer que a Federonpreste conta de um milhão e seiscentos. Quem é que está mentindo? Quem é que está enganando o povo? É o Governo, não é a Federon! E a Federon, nós que somos Federon, somos prejudicados disso.

As emendas que se colocam aqui, como o Aluizio Guedes falou, que já levaram até R\$ 250 mil, e é verdade que nós conseguimos junto aos deputados e chegou lá na Sejucl ou na Secel, sei lá onde foi, eles usaram as emendas que eram dos grupos para montar a estrutura. Quando se anuncia, divulgam na imprensa o Flor do Maracujá tem tantos mil, aí se coloca lá. Não, cento e não sei quantos mil para o Flor do Maracujá, não! Para o Flor do Maracujá não! É para o dono do som, é para o dono das arquibancadas, entendeu? É para o dono das barracas, das tendas. Aquele dinheiro é para eles, porque não vem nenhum tostão para os artistas não. Nós somos proibidos de receber cachê desde 2014, foi esse amigo de vocês que foi lá com o Dr. Héverton Aguiar e conseguiu uma grande reunião com todos os entes que tinham aver com o Flor do Maracujá, passar para Federon, a administração, a coordenação das apresentações dos grupos. E tem mais, no TAC que foi firmado, diz o seguinte: o Governo tem obrigação de colocar a estrutura que é de som, de eliminação, as tendas, barracas não sei o que mais. E a Federon coordena o Arraial. Só que o Governo fica impedido de repassar recursos para os grupos.

Então, a gente já não recebia desde 2011, e continuamos sem receber, os grupos. Estou falando os grupos, sem receber um tostão como cachê para se apresentar na Flor de Maracujá. Quem corre atrás, somos nós Federon. E como o Roberto falou, um grupo fazendo, assando peixe e

vendendo, frango, fazendo feijoada o ano todo. Não entra um tostão no bolso de nenhum Presidente de grupo, de nenhum grupo, do Governo, seja do Governo Estadual, seja do Governo Municipal. É isso que nós queremos.

E agora, querem tirar isso, a única fonte nossa de renda para distribuir entre os grupos fazerem a festa, é dinheiro dos patrocinadores, dinheiro das barracas. Claro que vocês pagam para Federon para montar as barracas. Vocês barraqueiros são os que fazemo Flor do Maracujá acontecer. Porque vocês são os que dão dinheiro para a gente fazer nossa fantasia, a nossa roupa, a nossa indumentária. E agora estão querendo tirar isso da gente, da Federon. E como é que você faz uma festa sem ter o cachê do artista? Se não derem o nosso cachê, nós não vamos lá. Muito obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Agora nós vamos ao que interessa. Nós fizemos as preliminares, agora o jogo vai começar, está certo? Audiência Pública não pode ser só falácia, no blá, blá, blá. Ouvimos, agora vamos começar a ouvir os atores principais para que nós possamos chegar naquilo que nós nos propusemos a estar aqui nesta Audiência Pública, resolver. Resolver, está certo?

Então, neste momento eu vou passar a palavra ao Deputado que ouviu muito, agora vai falar. Deputado Marcelo Cruz.

O SR. MARCELO CRUZ - Meus amigos, bom dia. Cumprimentar aqui o Deputado Jair Montes, cumprimentar todos os nomes aqui da Mesa, o Secretário Jobson. Mas o Deputado Jair perguntou: "Deputado, Vossa Excelência vai falar?". Eu disse: "olha eu estou aqui mais para ouvir". Eu

já estive no meu gabinete com o Severino, conversei com ele... Meus cumprimentos ao Severino, ao Rogério, nosso amigo, eu estive com o Secretário Jobson, também. E o meu pedido aqui nesta manhã é que nós possamos encontrar uma harmonia, que nós possamos encontrar um caminho para que nós possamos fazer uma festa linda.

Eu me lembro que eu era adolescente, se eu não me engano era aqui que era o Flor do Maracujá, não é isso? Eu passava aqui, para mim o nome desse aqui era Flor do maracujá quando era adolescente, eu passava, não tinha nada, e eu dizia, "olha, o Flor do Maracujá é aqui". Então, assim, é uma festa que no Brasil inteiro se tornou conhecida. E eu, inclusive na época que a Federon, juntamente com a televisão do Everton Leoni, que está dando esse problema todo. Eu pensei que ia ficar conhecida, a partir dali, no mundo inteiro, assim como Manaus, aquela festa aqui tão linda que existe.

Então, Secretário, o que eu peço aqui é que a gente tenha sensibilidade, que um ceda, outro também ceda daqui, que eu acho que é isso que a gente está precisando. Uma festa com briga não é bacana. É uma festa tão conhecida, uma festa popular que o porto-velhense espera passar o ano todinho para ir para essa festividade, está certo?

O meu pedido é esse, que vocês das quadrilhas, vocês das barracas, que nós possamos achar um meio termo e que um possa ser um pouco, o outro também possa ceder, está certo? Então, estou aqui à disposição de todos. Muito obrigado, um bom-dia para todos.

O SR. JAIR MONTES (Presidente)- Obrigado ao Deputado Marcelo. Eu quando cheguei aqui na Assembleia, Aluizio, que já me conhece há tempo, eu falo para todo mundo que eu sou

fruto de um milagre estar aqui, porque Deus sabe por que eu cheguei aqui. Não era para eu estar aqui não, mas, estou. E, Deputado Marcelo, eu não sou daqui, eu sou de Humaitá, mas vim para cá com três meses de nascido. Mas isso aqui era o campo do flamenguinho. Aqui eram vários campos aqui, joguei muita bola aqui, joguei demais aqui. Mas aqui foram campos, vários campos de futebol. E aqui era onde tinha toda a questão da cultura. Tudo se desenrolava por aqui de tudo falava aqui dos peladões, de tudo rolava aqui. E hoje estão esses grandes empreendimentos aqui, se tornou Porto Velho. E a cultura daquele tempo era mais forte do que é hoje, felizmente com pouco recurso. E hoje que nós temos aí pessoas que podem, eu fico até chateado, Secretário, quando eu vejo uma, duas usinas gigantesvirem para Rondônia, Porto Velho e você não tirar das usinas a questão cultural que tem que ter aí, deixar um legado. O único legado que ficou é o que está acontecendo aí, desmatamento, desbarrancamento, e acima de tudo o legado que ficou a energia cara para nós, não é? Mas não ficou nada das usinas. Você olha aqui, a usina não deixou um legado, o estádio, deixou um local para eventos culturais, não tem nada. Porto Velho não tem nada. Temos muitos hotéis que eles lotaram, Deputado Eyder, que eles lotaram no tempo das usinas e depois que as usinas esvaziaram, os hotéis estão aí, todo mundo falido aí porque não tem nada. Se você vai fazer aqui um Congresso aqui para qualquer nível para Porto Velho, você não tem um local para colocar dez mil pessoas. Então, os auditórios maiores são da Unopar, da Assembleia hoje, que cabem mil pessoas, quinhentas pessoas. Então, você não tem mais do que isso. Então, não consegue fazer nenhum tipo de congresso na nossa capital. Mas aquilo que o Deputado Marcelo falou, nós estamos aqui para ajudar. Estamos aqui para criar um novo jeito de fazer cultura em

Rondônia, viu Professor Marcos Teixeira? Vamos contar com seu apoio para isso. Nós estamos para isso aqui.

Então nós vamos aqui seguir e também saber o objetivo, o porquê desta Audiência. Então vamos começar pelo Francisco Fernando Rodrigues Rocha, é o Presidente da Federon.

Francisco aquilo que eu falei para você falar com o Secretário, nós não estamos aqui para lavar a roupa suja. Nós estamos aqui para encontrar o caminho esse ano e encontrar o caminho do ano que vem perfeito. Este ano o Flor do Maracujá começa agora dia 27 de junho, e vai até 07 de Julho. Mas nós não estamos aqui para lavar roupa suja, viu meu Vereador aqui do PSL, William do Tempo, Homem do Tempo, não é? Nós estamos aqui para encontrar um caminho este ano. E possamos, Secretário, encontrar esse caminho, encontrarmos este ano, que possamos harmonizar nos três últimos anos do Governador Marcos Rocha. Porque o Flor do Maracujá não é de Governo, não é da Assembleia, o Flor do Maracujá é de vocês que fazem a cultura de Porto velho do Estado de Rondônia.

O SR. EYDER BRASIL - Questão de Ordem, meu Presidente. Quero registrar aqui, falo em nome da Deputada Federal Mariana Carvalho, que destinou R\$200 mil para o Flor do Maracujá, então tenho certeza que representa aí a nossa deputada.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado. Mande um grande abraço para a Deputada Mariana Carvalho.

Com a palavra senhor Francisco Fernando Rodrigues, representando a Federon, Presidente da Federon, 10 minutos, mas contados no relógio.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Bom dia a todos. Primeiro agradecer a Deus por ter dado oportunidade de a gente chegar até aqui. Mas eu quero agradecer também ao Deputado Jair Montes, que foi provocado pela Federon para puxar esta Audiência Pública, porque a gente sabe que neste momento é de suma importância para essa união que todos nós estamos a fim. Já falaram aqui dos nossos baluartes das quadrilhas. Mas aqui o Severino já foi homenageado aí, eu quero em nome da Dona Francisca, mais uma vez também, saudar a todos os quadrilheiros e todos os Presidentes de Grupos, e o senhor Aluizio em nome dos Bois-Bumbás; saudar o nosso Deputado Jair Montes, cumprimentando toda a Mesa; ao nosso amigo Ceará, o forte; a vocês, que como falou várias vezes aqui, somos parceiros.

Início a fala dizendo o seguinte, o palco sem artista, não tem espetáculo. E se não tem espetáculo não tem porque também os nossos empreendedores irem para aquele local. Então, por isso esta Audiência Pública para nós unirmos e falarmos aqui uma língua, um linguajar só.

Aqui, quando o Deputado Marcelo Cruz, com sua sabedoria falou de harmonia, é o que nós estamos querendo. Harmonia, deputados, senhores da Mesa, Capitã, todos os presentes, iniciou faz mais de 12 meses atrás, quando a Sejucel nos convidou. Ai, vendo o lado da Federon, como uma grande organização dos Grupos Folclóricos, que aqui estão os Presidentes, que cada um representa mais distante 150 pessoas. Então, nós temos ai mais de quatro mil e poucas pessoas brincantes, costureiras, envolvidas dentro do Flor do Maracujá, fora os comerciantes para a renda que circula dentro de Porto Velho, que esse recurso não sai um centavo para fora, fica tudo aqui.

Nós fomos procurados para uma harmonia e, de certa forma, a gente se deu apreço de colaborar com a Sejucel. Com croquis de entrada, saída, medição, a coisa linda que o Severino passou cinco noites acordado, sonhando no espetáculo. Depois entendemos que as coisas penderam para o outro lado. Tenho certeza absoluta que não teve influência só da Sejucel, têm outras pessoas que, tentando fazer um Flor do Maracujá, que foi abandonado pelo Estado em 2013... Só que em 2013, senhores, houve uma grande diferença, nós fomos chamados para uma conversa com o Governo do Estado. Na transição vocês sabem o que é que houve, quase não havia o Flor do Maracujá. E nós entendemos que era uma festa nossa, Capitã, nós alinhamos. Fomos convidados até pela Primeira Dama, em uma transição de Governo que não deu tempo de passar recursos para os grupos, que naquele momento já tinham uma orientação por falha, não só da Federon, mas falha do Governo do Estado que lá na frente, a gente vai provar que nós fizemos todas as festas.

O problema foi, "não passa e, agora, como é que vamos fazer?". Eu disse: "nós vamos", para não quebrar essa corrente, Aluizio Guedes. O senhor falou essa palavra: "Não vamos quebrar essa corrente agora, porque o nosso povo está ensaiando para uma competição". Queriam uma mostra, e os nossos brincantes não ensaiam para mostra, mostrar simplesmente por mostrar. A Federon trouxe para dentro do Flor do Maracujá uma competição. É isso que move a população vir para o Show. É ver como é ver uma Rádio Farol, como é que é ver um Diamante Negro. E a Mocidade Junina esse ano? E a Primavera? O Corre Campo. Enfim, é uma surpresa que nós ensaiamos nas quadras, onde nenhum grupo pode ou não deve ir olhar a coreografia e o tema de cada um. Que nós desenvolvemos um tema também, dentro do Flor de Maracujá.

A questão da transmissão foi a maneira que o Governo estava propondo de mostrasse movimento para o resto do Brasil, porque nós não passamos aqui das fronteiras do Estado de Rondônia. E o Flor Maracujá vem crescendo tanto, um desafio tão tamanho que as emissoras diziam assim, "Fernando e o ano que vem?". Eu dizia, "tem que ser melhor do que esse ano". Então é um desafio o Flor do Maracujá. E aqui eu quero dizer aos senhores que os grupos folclóricos dependem não só do Flor do Maracujá para se apresentar, como também dos circuitos juninos. E nós não estamos aqui, em nenhum momento, senhor Superintendente, lutando por dinheiro. Nós não estamos pedindo dinheiro, até porque a gente sabe que vocês não podem repassar por uma recomendação, isso acontece desde 2013. Mas porque não viram isso lá atrás, em 2014, que o Governo não tinha onde realizar o Flor do Maracujá e jogou essa responsabilidade nas nossas costas.

Alguém sabe onde foi o Flor do Maracujá em 2014? Esperança da Comunidade. Diga-se passagem um grande evento, onde os barraqueiros vendiam até às 03 horas da manhã porque ali estava a comunidade. Eu ainda defendo que o Flor do Maracujá, só não é porque ele tornou-se muito grande, deveria ser ambulante, na Zona Sul, Zona Leste para dar... Mas graças a Deus nós temos o nosso seguro junino comandado pelo o nosso Negaça, que a gente leva essas quadrilhas, os bois-bumbás lá onde aquele povo não pode vir para o Flor do Maracujá.

Então, o que nós sentimos foi essa harmonia que foi quebrada. O Severino se debruçou durante duas noites fazendo planejamento da ornamentação de tudo, e aí disseram: "não, vocês estão fora". A federação não sou eu, eu sou Presidente de um grupo. Porque a federação só pode participar da sua diretoria que é presidente de grupo. Por

isso a federação é o senhor Aluizio, é o Severino, são todos que fazem, a Rosa Divina, a Neiva, enfim, somos 12 Presidentes e têm seus Vices-Presidentes dentro da Federon.

E parece que quiseram atingir, não sei, mas já falaram também em uns áudios que a gente não quer colocar aqui, que o Fernando e Severino são os alvos. Por quê? O que nós estamos devendo? O que nós fizemos? Poxa, era pelo contrário, são esses dois que eu quero aqui comigo. Mas não, colocaram, mas todos esses grupos. O Negaça faz um grande evento, o Flor do Cacto, da mesma idade do meu Comunidade no Sertão, 22 anos, mas nós dependemos desses artistas, nós temos que valorizar, dar a água, dar o transporte, dar segurança. E aí essa harmonia começou a quebrar de certa forma, que eu disse, "espera aí, o que nós estamos fazendo?". E aí nós começamos a unir os grupos. Agora eu só recebo documento da Sejucel oficializado.

Fizemos duas propostas para a Sejucel, duas. A Federon, nenhuma eu fiz isoladamente, sempre com o apoio dos grupos, porque eu sou um Presidente democrático e converso com alguns ambulantes também. Fizemos a primeira, "Governo, vem a com a gente, como era sempre antes, dá o palco para nós, coloca o palco aqui, é só o que nós queremos, nós não queremos o dinheiro de vocês, investe na Saúde, a Segurança está precisando, na Saúde, na Educação", e busca patrocínio, esse recurso que chega sem muita burocracia, assim como a Marquise fez, uma empresa de lixo, mas nos entendeu como atração cultural e passou durante dois anos R\$ 200 mil e R\$ 200 mil. "Ah, é muito dinheiro!" Divide isso para 40 e poucos grupos. Uma quadrilha entrou com R\$ 6.500, não paga nem a costureira. Mas a gente agradece porque fizeram isso. O Governo do Estado e Prefeitura, na sua sabedoria e nos seus conhecimentos, não precisaram tirar um centavo do recurso público, dos cofres públicos

para investir em cultura, bastava trabalhar, solicitar dos grandes empresários: "Ajuda aqui". Abate do imposto de renda que é um recurso fácil de a gente trabalhar. Mas impede, diz: "não, eles não podem receber, então vamos botar aqui o pé na parede". Aí pega, coloca assim: R\$ 513 mil. Aí, o pessoal diz assim: "Mas, senhor Fernando, R\$ 513 mil, vocês estão achando pouco?". E aqui foi dito, nenhum centavo para os grupos desse dinheiro, só para a estrutura. Querem baixar a questão dos barraqueiros e dos valores, isentam as cargas tributárias que nós pagamos que a gente passa isso para vocês. Porque aqui não é a Federon que sai perdendo, porque nós vamos para os arraiais nos apresentar lá e fazemos a nossa própria festa.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Fernando, só um minutinho, me tira uma dúvida aqui, porque é importante para não passar.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Pois não.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Eu ouvi o Professor Marco Teixeira falando e agora estou ouvindo o senhor falar. Quais são as cargas tributárias que hoje vocês têm? Tem aí como nominar rapidinho ou não?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Cargas, dentro do Flor?

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - É.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Vamos começar pelo seguro que são quase R\$ 7 mil. Porque aquilo ali todos vocês estão lá, mas está tudo pago o seguro.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Quem paga é a Federon?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Federon. Nós pagamos quase R\$ 4 mil, o Severino não tem isso não, mas eu estou colocando mais ou menos, é só uma ideia aqui daquele, do Código de Postura, que seria um direito seu eles pagarem.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Isso é do município?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - É do município, nós pagamos.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Certo, R\$ 4 mil.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Quase R\$ 4 mil nós pagamos, três mil e pouco. Pagamos multa de três mil e poucos reais na SEFAZ, porque tem aquele negócio, não deu tempo, é uma correria danada, eles multam. Nós pagamos, senhores deputados, até o estacionamento do Flor do Maracujá.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Estacionamento para quem?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Quando que é Severino lá? R\$ 4 mil e pouco. É um negócio da Segurança, porque vende bebidas. Aí vem Bombeiro Civil.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Quanto é o Bombeiro Civil? O Civil é obrigado.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Bombeiro Civil, em média, R\$ 8 mil. Segurança, R\$ 23 mil.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Segurança?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - É exigido pela Polícia Federal, segurança particular, tem que ter. A única coisa de graça que nós recebemos lá, Capitão, são vocês. A Polícia Militar trabalha de graça. O hidráulico ali, que é uma extensão, que se fosse pela Vigilância Sanitária nem o Governo faria o evento, porque é ali é insalubre, todo mundo sabe, mas a compreensão da Secretaria de Saúde, até dos órgãos públicos: a festa é popular, deixa passar. Mas nós damos água encanada lá para as... E a rede baixa também todos nós pagamos. Eu sei, a Eletrobras, às vezes o Governo ajuda, mas lá no Esperança da Comunidade, o Ministério Público fez eles isentarem, isentou lá. Eu devo dizer que aqui teve uma despesa de R\$ 140 mil. Sabe quem

paga isso aí? Os senhores. Ou os senhores achavam que esse recurso entrava nos cofres da Federon e não bancava toda festa? O Governo do Estado, a Prefeitura não dá um centavo para a realização do evento, eles dão a estrutura.

E o que a gente pede aqui? A primeira proposta, vamos fazer como era antes. Porque no momento que o Estado e a prefeitura está isentando suas taxas, ele está mexendo nos seus cofres públicos também, está deixando de arrecadar e não é isso que nós queremos.

Então é muito grande, o Ceará aqui, o Ceará Fome Zero, a gente: "Ceará, nós vamos colocar aqui 10 pastelarias". Ele disse: "não faça isso". Nós temos que colocar porque o nosso custo é alto. "Não, a gente coloca 6, e nós pagamos pelas 10". Estou mentindo? Chama-se exclusividade. Tem um tal de um capeta lá, aqueles trens lá danado, o cara disse: "- Quanto é que o senhor vai colocar?". "Nós vamos colocar 3". "- Coloque só eu, eu pago pelos 3". Poxa, o pipoqueiro, disseram aqui, alguém falou aí, infelizmente foi do meio de vocês, que paga mil reais; trezentos e cinquenta. Ele quer exclusividade, seis só, pagam quinhentos. Mas você e quantas pessoas? Só o senhor. Se entrar alguém, porque o cara não dá conta ali, mas a exclusividade é sua.

Nós estamos falando aqui daquelas pessoas, barracas, o forte é barraqueiro, coloque só 12. Aí nós cedemos uma para a Prefeitura que é social, fica lá. Se nós pensarmos em recurso, em gerar recurso para a Federação ou para os grupos, a gente enchia aquilo ali de barraca, que é um espaço do qual a gente está usando.

Então o Governo, através da Sejucel, está falando de um chamamento público. Eu não sei até quando vai ser isso, porque chamamento público dá direito para todo mundo, eu não sei como é que vai ser. Bom, mas é uma ideia, pode dar

certo e pode não dar. Nós temos um limite, que os barraqueiros fazem isso e os senhores, eu falei da pipoca, mas têm outros, fazem fila e nós: "não tem mais, não tem mais". Fazem fila. Muitos que reclamam aí: "mas, deixa, me coloca aqui no cantinho". Eu disse: "não". Foram cinco churrasco e acabou. Agora, entram aquelas pessoas, como em todas as categorias, têm aquelas pessoas, que os senhores sabem, são furões, são aquelas pessoas...

Tem outra que o Secretário aqui, o Superintendente, está preocupado e nós também, que aí a responsabilidade é dos senhores. Quando alguém vende um produto, Deputado, mais caro, um Dydyo custa R\$ 5,00 o litro, se aqui tem de R\$ 5,00, por que eu vou pagar de R\$ 8,00 do lado? Não compra. Mas, ninguém, eu acho que seria até, não existe mais você taxar, tabelar mercadoria. Hoje é livre, você vende dentro daquilo que você acha que deve ganhar. Se vender caro, vai vender menos.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Fernando, questão de ordem. Vamos ser bem práticos. Qual a proposta da Federon?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - A proposta da Federon foram duas.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Vamos chegar à proposta da Federon para depois a gente ouvir o Secretário, ver qual a proposta do Estado.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Eu queria só tirar uma dúvida, deputado, porque o pessoal pensa que

esse dinheiro que está aí circulando, que tantos mil é para os grupos folclóricos, e não é. É para estrutura, que seja dito isso aí, porque a gente às vezes lê uma matéria e diz R\$ 513 mil para o Flor e o Flor entende que é para os grupos. Os grupos têm uma proposta de premiação dos primeiros, dez mil, cinco mil, tal, tal, pela Caixa Econômica, que me parece que está no documento nosso, está em análise, poderá sair ou não. Enfim, vamos parar com isso aí.

A nossa proposta é que o Flor do Maracujá venha acontecer nos mesmos moldes que nos entregaram em 2014, a realização da Federon trabalhando em parceria com os ambulantes, porque são eles que custeiam a festa. Se quiserem isentar, baixar mais o preço, pois isentem também as taxas, os deputados, os senhores podem fazer isso e nós repassamos para os senhores.

A outra proposta, isso se a Superintendência, o Governo do Estado não aceitar, veja que nós estamos querendo ir. A primeira era como nós vínhamos fazendo, todo mundo, uma beleza. E o Governo pode botar suas equipes trabalhando com a gente ou então pode assistir a belíssima festa de camarote. Porque nós entendemos que o Governo, todo o tipo de Governo, estadual, municipal e federal tem que incentivar a cultura. Isso é um dever, incentivar, não realizar, deixa o pessoal realizar, o povo.

Essa, deputado, é para fazer aos mesmos moldes que a gente vinha fazendo. E a segunda é aquilo que o Sílvio Santos falou aqui, arruma um patrocínio e nos paga o cachê. E o Governo pode realizar dos barraqueiros até a comissão de frente, sei lá o que é que é. Porque o Flor do Maracujá é uma amostra pelo Estado, amostra, ela não é competição. A competição é da Federon. E a Federon está propícia a fazer a competição nesses moldes, se deixar a gente fazer como a

gente vinha fazendo. Se pagar o cachê para nós nos apresentarmos, porque tem costureira, deputado, só para finalizar, costureiras, os artesãos, transporte, nenhum trabalha de graça, tecido, ninguém trabalha de graça todos cobram. Os músicos são profissionais que trabalham para gente, ele trabalha de graça. Se fosse de graça era bom. Os coreógrafos, todos eles cobram, tem um custo muito grande para chegar o Flor do Maracujá.

Olha, em 2011 nós recebíamos R\$ 30 mil e hoje não estamos recebendo um centavo e a festa não diminuiu. Então nós queremos somente essa parceria, que o Governo seja nosso parceiro na questão estrutural. Deixa que os outros a gente resolve.

Segundo, essa parte, nos contrate e nós vamos fazer a nossa mostra, amostra como o Governo quer, como está lá na Lei e depois nós fazemos o nosso concurso estadual, concurso da Federon para que a gente realmente saiba quem é o campeão, quem é o vice do Boi, categoria mirim.

Só para frisar uma coisa aqui, senhores deputados, senhores ambulantes, senhores Secretários, autoridades, nós temos o casal de noivo aqui que Rondônia que saiu de dentro do concurso dentro da Federon, que nós fazemos também os concursos, campeão do Brasil. Alguém sabia disso aqui? Fora o Movimento Junino alguém sabia, representando o Estado de Rondônia lá no Piauí, fomos campeões. Sabe de onde é esse casal? De dentro das Agremiações Rádio Farol.

Então, são pessoas que vão representando o Estado e, diga-se de passagem, nenhum centavo para as passagens, a Federon custeou a custo de quem? Dos senhores que deixam essa condição. O que nós queremos é a sustentabilidade da Federon, Deputado Jair Montes. Ninguém quer mais nada não, porque ali tem custo, nós pagamos R\$ 1.200,00 por mês de

energia dentro de uma área do Governo do Estado. Aquilo ali, em 2014 foi alojado, que eles abrigaram, em 2015 ninguém quis ir lá e nós limpamos literalmente, metemos a mão em fezes seca, aqueles negócios para limpar aquele espaço, que nem o Governo tinha mais conhecimento daquilo ali, estava abandonado. O Severino Silva Castro, com os grupos folclóricos, com os amigos, com os voluntários, a Prefeitura, muito parceira nesse momento, limpamos. Ninguém sabe disso, Capitã, que ali foi abandonado, ninguém sabe que aquilo ali não pertencia a Sejucel, ali era da SEASonde ia ser construída ali a 'minha Casa, não sei o que minha vida, sei lá'. Aí viram que os aviões passam ali, e nós, Federon junto com FESEC, lutamos para vir para a SEAS, para a Sejucel, entendendo da parceria mais forte e essa parceria está prestes a se cortar. E se essa corrente quebrar, senhores, os senhores também estão quebrados, porque o Flor do Maracujá, senhora, quebrado que eu digo, não nos acompanha, porque não tendo o Flor, não tendo o grupo não tem Flor, não é? Eu digo isso.

Outra coisa aqui só para que a gente deixe bem claro...

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Conclua, Fernando.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Só concluindo. Que os senhores, muitos de vocês têm aquelas barracas do lanche, que até é bonitinha, a gente entende, mas dizer também que nós não damos as tendas, que o Governo nunca deu tendas também, que o ano passado... Aliás, quando o Governo, dois anos consecutivos, e a Federon que contrata a tendas para as feiras de alimentação, dizer, que a Cristal não dá aquela tendazinha para vocês o nosso pedido,

é também não reconhecer que tem alguma coisa ali que é gratuita, entendeu?

Agora, o Governo do Estado pode fazer amostra da forma que nós estamos solicitando e nós vamos ou não, que aí depende mais da discussão. Mas, em primeiro lugar, se não for, senhor Superintendente, em cima daquele documento que o senhor fez circular, me desculpe, mas foi um desrespeito muito grande com a Federação. O Governo, a Sejucel está mandando em cada grupo um convite para o Flor do Maracujá. Não precisa o Governo fazer isso, discute com a gente como nós estamos discutindo aqui. Aquilo ali foi de tal, que na hora que recebi "Presidente, o queé que eu faço?". Eu disse: "responda". Aí o que acontece? Ontem nós tivemos uma reunião e estão aqui os grupos folclóricos, são eles que fazem a Federon. Se não for aos moldes que a Federação vinha fazendo em parceria com o Governo e com o Estado, nós não vamos nos apresentar. Obrigado pela oportunidade.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Agora ouvimos o Fernando, Presidente da Federon, nós vamos ouvir aqui, bem rápido, porque eu creio que aqui é mais a questão de explicações, o Major Iranildo Dias de Andrade, representando o Comando Geral do Corpo de Bombeiros. Mas a questão dos Bombeiros, de qual a programação dos Bombeiros para essa atividade.

O SR. IRANILDO DIAS DE ANDRADE - Bom dia senhores, bom dia senhoras. O Comandante Geral do Corpo de Bombeiros que faz parte do Governo do Estado também e digo para os senhores o seguinte; foi levantado algumas vezes por alguns de vocês aqui em relação ao custo do evento, do evento que vocês fazem, a gente reconhece esse custo como algo a ser

solucionado por vocês e nós fazemos parte desse custo também, o Estado faz parte desse custo também.

Existe obviamente o empenho do Estado no sentido de levar para vocês segurança através do Corpo de Bombeiros, para pessoas que participam daquele evento. Embora seja numa área aberta, no entanto, nós temos aí exemplos, exemplos e exemplos de festas que eram para terminar com sorrisos dos vencedores e com a lágrima dos vencidos e terminou com as lágrimas daqueles que perderam pessoas que amavam e o exemplo claríssimo foi no capotamento daquele veículo no carnaval passado aí. Todo mundo que gosta da cultura relembra disso e relembra com muito pesar. E a gente trabalha efetivamente para evitar que tragédias como aquelas ocorram novamente. Nós tivemos outro exemplo que foi na virada do ano, lá na Catedral, onde diversos fogos explodiram e feriram uma quantidade muito grande de pessoas.

Quando a gente trata de segurança das pessoas, a gente não brinca e fazer segurança, obviamente tem um custo. Não estou aqui para discutir custos, muito embora quem o faça são os nossos legisladores, nós estamos aqui na Casa de Leis. Se eles aprovarem e dizer que a partir do ano que vem nenhum evento público vai ter taxa; nenhum evento público vai ter taxa. Até porque, para fazer isso, exige uma certa compensação que nenhum serviço é de graça. Nós não estamos falando com crianças, estamos falando com pessoas adultas que entendem que qualquer processo gera um custo. O processo educacional gera um custo, processo cultural gera um custo e todos eles geram um custo e alguém tem que pagar esse custo. Mas a nossa parte, que cabe a gente, a gente está disponível. Nós sempre estivemos muito disponíveis. Este ano nós tivemos um pedido da Sejucel para apoiar com o nosso pessoal, para tirar um pouco dos encargos em relação

a participação dos Bombeiros Civis que é um custo alto, conforme o professor falou ali. E nós estamos nos alinhando para fazer esse trabalho também.

Sigo aqui para colocar a nossa Instituição sempre a favor de qualquer evento que demonstre para nossa população a força e a identidade que o nosso povo tem. A força e a identidade de um povo sempre será traduzida pela força demonstrada pela cultura que esse povo mostra e o Flor do Maracujá nada mais é do que a tradução da força desse povo através da nossa cultura. Obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado, Major. Eu não tenho dúvida disso, os bombeiros realizam um excelente trabalho, tanto na capital quanto em todo o Estado. Capitã PM Michelly, representando o Comando Geral, os preparativos foram muito bem elogiados, da Polícia Militar, parabéns. E já mando esses parabéns ao nosso Comandante que também faz parte do Governo do Estado. Também tem um custo, também não é de graça, existe um custo gigante para a Polícia Militar se deslocar, como está também a preparação para Flor do Maracujá.

A SRA. MICHELLY DA SILVA MENDES- Bom dia a todos. Em nome dos Deputados Jair Montes e Eyder Brasil, cumprimento à Mesa e em nome do Tenente Vieira e todos os grupos folclóricos, cumprimento a todos.

Bom, pela parte da Polícia Militar, já iniciamos um planejamento operacional em que a área ali é do 1º Batalhão a garantia que vai ter um policiamento, um policiamento ostensivo interno e externamente com patrulhamento ostensivo com a presença do Batalhão de Trânsito, com a

presença dos Batalhões de Choque - BOP e além do 1º Batalhão.

Então, nós estamos nessa fase do planejamento operacional, que já está bem adiantada e garantimos, reitero aqui que vamos garantir o planejamento nos 10 dias deste evento. Então, senhor deputado, já de antemão falo, informo que vai ter o policiamento. Agradeço aqui por falar do Batalhão da Polícia Militar que sempre está presente em todos, todos os eventos que tem. Para o Flor do Cacto já está em andamento o policiamento do Flor do Cacto, já informo e pode garantir que a Polícia Militar vai estar presente e cumprindo o seu dever social e a paz social também.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Parabéns, Capitã Michelly. Vamos ouvir aqui também, como é que está a Setur. A Setur é o Coordenador de Turismo, o Senhor Saulo Giordane. Como é que a Setur tem se preparado também para essa questão do turismo? Saulo? Dê as suas palavras para que antes de chegarmos ao seu Jobson, Secretário da Sejucel.

O SR. SAULO GIORDANE - Bom dia a todos. Saulo Giordane, Coordenador de Turismo, em nome do Deputado Jair Montes e do Professor Marcos Teixeira, cumprimento os demais da Mesa. A gente já acompanha não é de agora, mas esse dilema do Arraial Flor do Maracujá. Eu, enquanto criança, eu vinha com a minha família aqui onde era esse espaço, os três Poderes funcionavam aqui nesse bairro tradicional, que é o Bairro Arigolândia, não é? Caiari, isso Caiari.

Esse evento, na verdade, acho que a proposta aqui da Comissão é trazemos ideias, propostas, estudarmos o que acontece nos Estados para que a gente siga modelos que deram certos, para que a gente possa trazer para nossa capital. Porto Velho, cresceu, inchou, veio o boom das usinas, anteriormente veio o boom da borracha, o boom do outro, da cassiterita, e sonho eu, chegar o boom do turismo.

O turismo é uma atividade forte mundialmente, uma atividade autossustentável. É uma atividade que depende menos do poder público e mais da iniciativa privada. Assim como vocês das quadrilhas, eu também sou organizador de eventos, só que de outro ramo, dos esportes, turismo de aventura, mas também sei da dificuldade que é em realizar um evento. Evento, por si só, não se paga, ele depende de patrocínio de parceiros e de apoio. É louvável aqui a situação do Major Iranildo, em se tratando de Flor do Maracujá, se esta Casa de Leis tiver o entendimento e aprovar uma isenção de taxa para esse evento específico, porque, como foi dito, o evento não é de vocês, o evento é da cidade. O evento cresceu, já está na sua trigésima e tanta edição, é um evento que precisa melhorar cada vez mais. O Estado, uma sugestão. Eu percebi que o Arraial Flor do Maracujá acabou indo lá para o Parque dos Tanques por falta de opção, de espaço público, mas se nós entendermos que existem espaço público na cidade limitados, porém, são de empresários. Ali ao lado do Shopping, tem uma área que o empresário, vou até citar o nome dele, o Erik, o Erik Rocha, ele já esteve na Setur em visita e ofereceu para o Estado. Ofereceu para Setur, para que, por meio da Setur, nós pudéssemos levar para outras Secretarias. Ele disponibilizou aquela área para os próximos 5, 10 anos, sem custo algum. Lógico que é uma área nua e crua, tem que asfaltar um pedaço, mas é uma área assim, que se nós

analisarmos, ela está no coração da cidade. É uma área que tem acesso pela Avenida Calama, Avenida Pinheiro Machado, dá para se fazer estacionamento ou caso não queira fazer estacionamento, queira abrir espaço para barraca, espaço gastronômico, tem o estacionamento do Shopping, em comum acordo ele poderia, lógico que pagando, mas teria segurança para veículo. O Flor do Maracujá tem que ser transformado em um evento turístico, quando se fala de barracas, eu gostaria de escutar outra nomenclatura, que seria espaço gastronômico, para que as pessoas de todas as classes sociais pudessem ir a esse ambiente. Têm pessoas que prestigiam o Flor do Maracujá, por saber que ali ele vai tomar um tacacá, comer uma comida típica regional, que dificilmente a gente encontra aqui na cidade, com exceção de alguns empreendimentos, alguns locais.

Então, a contribuição seria essa, a Setur quer participar, ela quer estar presente no evento. Hoje nós não somos Secretaria, somos Superintendência, somos limitados em termo de recursos públicos. Mas nós temos pessoal técnico capacitado, nós podemos, juntos com os jovens da Sejucel, participarmos dessa Comissão, com essa expertise, com soluções. Junto com a bancada aqui dos deputados, nós poderíamos conseguir uma emenda parlamentar diferenciada para administrar, via SETUR, para que nós pudéssemos fazer de fato uma mídia para promover ainda mais esse festival, principalmente dentro do Estado de Rondônia. Se quisermos assim, temos que fazer o dever de casa.

Eu estive em Vilhena, em Cacoal, e têm pessoas lá que, por incrível que pareça, nunca ouviram falar nesse evento, são pessoas que têm poder aquisitivo. Então, assim, ouvem falar por matéria, mas a gente tem que se profissionalizar, a gente tem que fazer publicidade disso, Outdoor, TV, Rádio. Aí, eu acho que o poder público pode entrar com essa

parte da parte da promoção e vender meses antes. Se organizar para receber os turistas no Aeroporto, na Rodoviária. Acho que vocês têm um potencial enorme, já visitei uma ou duas oficinas. Poderia ser trabalhado o ano todo em parceria com a Setur e com algumas agências locais, montarmos roteiros com aqueles turistas, as escolas que estão ou as escolas pudessem visitar os barracões de vocês para acompanharem as confecções das peças. Eu já tive, eu não me lembro do nome, mas, assim, eu gostei da estrutura da organização local simples. Mas, assim, as fantasias bem expostas, isso a gente às vezes não enxerga, mas para quem é de fora, isso é um superativo e poderia pagar uma taxa para visitar esse barracão de vocês.

Então, tentar ver com outro olhar, transformar isso em um produto turístico. Eu me lembro de uma matéria anos atrás, quinze anos atrás, que o Ex-Governador do Amazonas, o Amazonino Mendes, quando ele enxergou o potencial, ele olhou 15 anos atrás, 50 anos à frente e quando criou ali o Bumbódromo para 40 mil lugares, ele foi taxado pela mídia, pelas outras autoridades locais como louco. Porque em um evento que comportava no máximo, no máximo, oito mil pessoas. Mas, ou seja, ele teve a visão lá na frente. Todos nós vamos ter, se chegarmos aos 50 anos, aos 70 anos. Então, assim, o tempo passa para todos, então, a gente tem que pensar nos nossos filhos, no nesse legado. É o evento que vai continuar, nós estamos de passagem, mas é um evento que vai continuar, e pensarmos em uma estrutura fixa. Enquanto nós não pensarmos nessa estrutura fixa, vai ficar nesse dilema. De certa forma, as entidades vão ser somente o canal do recurso público para poder pagar, para poder bancar essa estrutura. E temos que ter estrutura física para isso, não só focado nos Arraiais, mas pensarmos em multieventos. Por uma capital aqui, no mínimo, no mínimo era para ter quatro eventos de grande porte, para que

movimentassem a economia. A economia forte é recurso para os pequenos, médios e grandes empresários. O comércio vende e o poder público arrecada. O poder público precisa tratar bem, precisamos tratar bem vocês, porque o evento de vocês, sendo sucesso, o Estado recebe na forma de imposto.

Então, assim, eventos culturais nós temos aí o Arraial Flor do Maracujá, que é o maior, Carnaval de rua, que de certa forma eu tenho pessoas que eu conheço que vêm do Acre para cá, que vêm do interior para cá, principalmente para a Banda do Vai Quem Quer, é um evento assim tradicionalíssimo. Perdemos a Expovel, mas está surgindo a Portoagro, mas é um evento que ainda está crescendo, está encaminhando.

Eu participei de uma Comissão há cinco anos, onde se discutia, Prefeitura e Santo Antônio Energia, em criar uma festa, uma festa chamada Festa do Rio Madeira, que seria uma festa para divulgar as belezas e riquezas e a gastronomia, mas, infelizmente, deu uma amortecida. Mas seria outro evento que poderia ser discutido para se criar, para que fosse um evento tradicional da cidade, pudesse melhorar a economia.

Então, temos que pensar em menos Estado e mais iniciativa privada, tornar esse evento autossustentável, que ele, com o passar dos anos, possa ele mesmo se bancar pela estrutura, pela proporção dele.

Então essa contribuição que eu tenho para passar para vocês. Enquanto Superintendência Estadual de Turismo nós estamos de porta aberta, nos procure, nós temos pessoal técnico capacitado para poder estar junto com vocês, até buscando informações de outros Estados, como é que deram certo, para que a gente possa melhorar e manter o Flor do Maracujá. Obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Obrigado, Secretário. Chegamos, então, ao momento tão esperado da nossa Audiência Pública, e já desejar, enquanto o nosso Secretário Jobson Bandeira se benze e se dirige até à tribuna. Eu quero te falar, Secretário, que nada, nada é absoluto. A gente pode construir um caminho, podemos ter humildade suficiente para que buscar os interesses da comunidade no geral. Eu creio que o Flor do Maracujá não é um evento para beneficiar nem o Governo e nem a Federação, mas um evento para levar ao entretenimento à população do município, do Estado de Rondônia.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Senhor deputado, só Questão de Ordem.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Já vou, já vou, já vou lhe passar a palavra. Então a gente chega, neste momento, ao do auge da nossa Audiência. São 11:30 horas, muita gente aqui com fome. Não servimos almoço, para deixar já bem claro para vocês. Daqui a pouco temos mais uma Audiência Pública aqui, também de minha autoria com o Deputado Anderson, que é o "Retorno dos Vigilantes nas Escolas Estaduais". Vamos debater daqui a pouquinho, às 15 horas, vai superlotar também aqui.

Então nós estamos, assim, com pautas pontuais e de interesse da população do Estado. Fernando, rapidinho.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - Só para questão de informação, a questão do recurso de catorze milhões e meio, que tem para fazer a Cidade da Cultura que o Secretário estava fazendo, então já está em andamento,

acho que o Superintendente vai falar um pouco isso aí. Então já existe um recurso federal para se fazer o nosso Centro Multiuso ali. Outra coisa, eu recebi aqui do nosso Jurídico uma informação que eu me esqueci de falar, é que a Federon está impedida de receber recurso público, mas não impedida de trabalhar com iniciativa privada. Está bom?

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Está certo. Eu vou até propor, se não tiver Adjunto lá para o Secretário levar, ou o Severino ou o Fernando para ser Adjunto lá na Sejucel. Não?

Secretário, então com a palavra. Quantos minutos o senhor precisa para explicar, Secretário? Vinte minutos estão bons? Então vamos falando aí, quando o povo cansar, grita. Vamos lá.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Bom dia. Primeiramente eu quero pedir desculpas se eu falar alguma coisa aqui, deputado, que é a primeira vez minha, em uma Audiência Pública de tanta relevância para o nosso Estado. Eu vou quebrar o protocolo aqui de apresentar a Mesa, primeiro, que é cumprimentar à Mesa primeiro, mas eu gostaria de falar uma frase que eu sempre uso e que se nós usar, daqui para frente o Flor do Maracujá será diferente, a nossa cultura será diferente. A frase é essa: "Juntos nós somos mais fortes", está bom?

Através do Deputado Jair Montes eu parablenizo toda a Mesa. Agradeço pela presença de cada um de vocês, nós estamos falando da nossa cultura do Estado de Rondônia. Através do Deputado Marcelo Cruz, o qual teve que sair, eu agradeço a presença das quadrilhas e bois-bumbás; através

da pessoa do Deputado Eyder Brasil, eu agradeço a presença dos ambulantes.

Uma das coisas que a gente precisa falar mais e poucas vezes foram faladas aqui do ator principal, que é a nossa população. População, a população a qual veio prestigiar os nossos brincantes, os quais estão lá para fazer a festa. Concordo, sem os brincantes não existe Flor do Maracujá, isso é inegável, não tem como falar outra coisa.

Pessoal, qual é o nosso intuito? Anteriormente, nós chegamos e as pessoas começavam a reclamar da gente: porque preços altos, porque isso, porque aquilo. A gente começou a entender, e eu me vi numa responsabilidade muito grande, porque o evento, o maior evento cultural passa pela minha mão, passa pela mão dos brincantes, passa pela mão da Federon e todos os outros. Tem como a gente fazer algo diferente? Tem. E assim nós queremos fazer. Quando se fala em cobrar taxas, em cobrar isso, em cobrar aquilo, lembrando a vocês que o Estado tem que receber? Tem, mas eu não tenho que tirar de novo da população, que é o que está acontecendo.

Então, quando eu falei com os barraqueiros, quando eu falei com os ambulantes, eles até estranharam, chegaram comigo e falaram bem assim: "mas o senhor vai aumentar a taxa"? "- Não, não vou amentar a taxa. Não vai existir taxa". Estou mentindo? Teve uma reunião lá, eu falei: "não vai ter taxa". Qual é a contrapartida que nós pedimos? Que atenda a população. Se o senhor Ceará está vendendo pasteizinhos lá a três reais, aí ele teve que vender a seis, porque estavam cobrando uma taxa para ele, eu vou pedir que ele venda a dois e cinquenta que eu não vou mais cobrar a taxa, eu vou atender a minha população. Esse que é o nosso intuito, "ah, vai sobrar!". Onde estava indo esse dinheiro? Vamos lá. Isso é os ambulantes e toda e qualquer

pessoa que for trabalhar no Flor do Maracujá, este ano não será cobrado.

Se alguém for cobrado, você tem que se direcionar a equipe de Coordenação, que a gente pode estar junto, nós vamos estar juntos com a Federon e nós vamos cobrar essa pessoa e ela poderá até ser presa. Porque não pode, o espaço é público, o ambiente é público e a festa é pública. Então esses são os pontos que a gente precisa colocar.

Aí entra a questão que o pessoal pegou e falou assim para mim: "Jobson, a gente precisa dar o apoio ao Flor do Maracujá, vamos trabalhar". Agradeço à Mariana Carvalho que foi a primeira, o único dinheiro que tinha destinado ao Flor do Maracujá era R\$ 200 mil da Deputada Mariana Carvalho, a qual se comprometeu, dependendo da forma que nós fazemos esse ano, a Deputada Mariana Carvalho vai nos ajudar mais ainda, eu tenho certeza disso. Os outros deputados que vão ver o evento que nós vamos fazer, e vão querer sim estar com a gente o ano que vem.

Agradeço o Deputado Eyder, para o qual eu falei, "R\$ 200 mil não vão dar, não será o suficiente". Fui até ao Deputado Eyder, procurei, ele falou: "não, Jobson, vou destinar R\$ 160 mil" e destinou R\$ 160 mil e nós trabalhamos com as outras demandas.

E aí entrou a minha parte, a minha parte quando eu falo, é Estado. Algumas demandas que precisavam ser feitas, que não é só fazer isso, não é só pedir o dinheiro e não fazer. O Estado também tem que entrar com a contrapartida. Entra com contrapartida, com Segurança quando se fala que não paga nada, espera aí! O Estado paga sim, paga os servidores, paga as ações, paga o combustível, paga todas as demandas, que se fala que a PM não paga, é custo do

Estado. Então, de toda forma o Estado está apoiando para que isso aconteça.

E aí, o que acontece? Nós identificamos, com minha equipe, o que a gente pode fazer para deixar essa festa mais bonita. Quando o Fernando falou para mim que se sentiu ofendido quando eu encaminhei um documento aos grupos, mas antes de encaminhar ao grupo eu fiz cinco reuniões com a Federon, e aí todas elas feitas atas, todas elas feitas as demandas e passei, e aí quando o Professor pegou e falou, eu acho que foi: "vocês já foram lá para acompanhar". Sim, eu já saí de casa meia noite uma hora, e têm os grupos que sabem que eu fiz isso, mas eu não fiz isso para me mostrar não, pessoal, porque saber, eu sei qual é a realidade de vocês, eu estou procurando fazer isso. E não é para me mostrar não, é para dizer bem assim: nós estamos juntos, porque juntos nós somos mais fortes. Não tem um dos Presidentes que me convidou e que eu fui lá que eu não falei isso, está bom?

Então assim, o que a gente pode fazer para melhorar? Ouvir dos próprios brincantes que falaram que nunca receberam nada e quando receberam, receberam uma água. Não sei se é verdade ou não, para mim não interessa. O que eu fiz: então, vamos tentar buscar alguma coisa para atender aos nossos brincantes. E, aí nós fizemos a contratação de uma empresa, a qual este ano, conforme eu passei para vocês receberão lanche, um salgado, um suco, um refrigerante, uma água e um doce. Por quê? Porque eu tenho que dar suporte aos brincantes. Eles chegam às 06 horas da tarde e vão se apresentar uma hora da manhã. Vocês estão entendendo? Então assim, a pessoa só chegar e dizer, 'ah!está tudo muito lindo', mas o que eles estão vivendo ali, para que aquilo fique lindo, é o que estou vendo pessoal. Então eu não estou aqui para agradar 'a', 'b' e 'c'. Eu quero que vocês

façam uma linda festa porque vai atender o meu público alvo que é a minha população. Então, esse é o nosso trabalho.

Trabalhamos com aquisição de material, que foi citado aqui, está tudo dentro do documento aí, se vocês quiserem tem o documento que foi exposto, porque senão eu vou ficar falando duas horas falando aqui de todas as demandas. Nós temos ônibus. O que vocês recebiam? Vocês recebiam um valor com o qual os brincantes teriam que contratar ônibus, não é isso? Cada um teria que contratar um ônibus para poder levar. Não precisa mais, eu já contratei empresa, o ônibus vai estar lá. É só vocês se organizarem e falar para mim assim: - Jobson, no dia tal a quadrilha vai estar assim. E, têm as outras coisas, tem ocoffee break que a gente nunca fez, nós vamos fazer dia 2, a apresentação do Flor do Maracujá lá no Shopping. Qual foi a nossa proposta? Chamar vocês, não colocar as deste ano, mas pegar outras indumentárias dos anos anteriores e a gente encher aquele shopping de gente com boi-bumbá, com quadrilha, com tudo. E aí, eu quero que estejam lá, o Governo do Estado de Rondônia, o Prefeito do município de Porto Velho, Deputada Mariana Carvalho, Deputado Eyder Brasil e a gente falar: a partir de agora só se fala em Flor do Maracujá. Igual está acontecendo agora Rondônia Rural Show. Ninguém ouve falar em anda a não ser Rondônia Rural Show, todo mundo quer ir para lá e assim nós teremos que fazer com o nosso Flor do Maracujá, é mídia.

Então, o que acontece? Fizemos tudo isso, em relação à apresentação, quais são as pessoas mais técnicas para se fazer arte com as mãos? Artesão. Chamamos artesãos, eles ficaram maravilhados por quê: "artesan, ajuda o Flor do Maracujá ficar mais bonito". Compramos o material para os artesãos deixarem o Flor do Maracujá mais bonito, com as pessoas que trabalham com o Flor do Maracujá e sabem quais

são os pontos que chamam atenção. Materiais elétricos, todas as demandas, eu encaminhei esse documento para o grupo.

Senhores e senhoras, quando se falou aqui que não quer dar apoio para o grupo, que não quer fazer isso, não é verdade. Verdade seja dita, não podemos, eu Estado não posso passar verba para vocês grupos. Nós não estamos juntos? Não é junto que nós temos que ter? Então a partir de hoje vamos atrás de patrocínio, que é só o que está faltando. Não precisa de mais nada pessoal, eu só preciso de patrocínio e o patrocínio vai para quem? Para os grupos. Se a gente conseguir hoje a demanda que eu preciso, que foi passado para a Casa Civil, são R\$ 263 mil que eu preciso hoje para o patrocínio. E o que é esse patrocínio, pessoal? Comissão Ética, vocês sabem que me falaram que têm pago; músico, me falaram aí que vocês têm que pagar; locutores, vocês têm que pagar; pagamento de banda, está tudo aqui dentro, pessoal. Está tudo aqui dentro do documento o qual eu encaminhei para vocês, isso aqui é proposta.

Por que eu falo que é proposta? Por que eu não seria louco de chegar aqui e falar para vocês que tem R\$ 260 mil para vocês, porque não tem. O que a gente tem que fazer é se juntar. Eu ouvi da própria Federação dizendo que a Marquise só entrega R\$ 200 mil para a Federação e não entrega para o Governo, então receba! Receba os R\$ 200 mil. Que nós vamos fazer para quem? Para quem vai esse dinheiro, pessoal? Para os grupos. Essa é a demanda. A demanda que nós precisamos e eu até peço o apoio dos senhores deputados e apoio do Governo do Estado de Rondônia, eu como Superintendente chegar lá é mais difícil. Agora, chegando o Governador do Estado de Rondônia, o qual já se propôs a fazer, chegando o deputado e dizendo: - me dá uma força, a

empresa aí, para ajudar os nossos brincantes para que a gente dê força melhor para os nossos brincantes.

Quando eu falo para vocês da Caixa Econômica, eu recebi, até estava do lado do Deputado Marcelo Cruz, é uma tanto coisa divina, que a Caixa Econômica me ligou e eu falei: "Agora vai! A Caixa Econômica vai entrar com tudo". "- Não Jobson, é só para te dar uma resposta, que nós estamos analisando o processo, o processo foi para Brasília". Pedi que alguns deputados federais me dessem um apoio lá para chamar a resposta, a Caixa Econômica vem com outra visão, ela quer ir debaixo para cima e não de cima para baixo, foram R\$ 719 milhões que foram investidos na cultura e esporte e eles querem agora de baixo e quem entra de baixo somos nós.

Eu não posso chegar aqui e falar para vocês que tem porque eu preciso da proposta. Nós fizemos proposta para a FIMCA, fizemos proposta para a Uniron, fizemos proposta para a Energisa, Crystal e Skol daquelas delimitações. Eu conversei com a Crystal e com a Skol. Porque é que o barraqueiro cobra caro, pessoal? Porque ele recebe o produto caro, isso é a lógica. Quem é que vai sair, se você coloca aqui na empatia, como é que você vai chegar, vai vender a cerveja a R\$ 1,00 se você recebe a R\$ 15,00? Não tem lógica. E aí eu pedi, conversei com as duas empresas e falei bem assim: "o que vocês vão fazer é patrocínio ou é troca de serviço?". É uma diferença. Patrocínio, o cara: "eu vou te dar o dinheiro, e você faz só a mostra do meu produto". Igual a Caixa Econômica está fazendo, é um patrocínio. O que se faz é a troca de serviço. Eu chego e falo: - tu vai vender o meu produto, mas lá no mercado são R\$ 10,00 e eu vou te vender a R\$ 20,00. Isso é troca de serviço. Por quê? Porque o dinheiro está saindo ali já. Ele vai me dar R\$ 30 mil, mas ele vai ganhar quanto em cima?

Então, o que eu estou querendo falar para vocês é assim, as pessoas falam: "está dando ajuda". Mas, espera aí, a gente pode melhorar isso aí, a gente pode fazer. Por que mais uma vez eu falo para vocês, o intuito de fazer é fazer com que os brincantes tenham suporte e fazer com que os barraqueiros tenham um suporte melhor para atender quem? A população.

Eu gostaria só de citar um exemplo, há alguns anos, eu tenho três filhos registrados e duas sobrinhas. São registrados, que a gente nunca sabe, vai que eu ganhe na mega, vai aparecer um monte, vem que tudo é meu. Então, o que acontece, o que eu fiz, pessoal, sem mentira nenhuma, quero que Deus me cegue, peguei meu carro, fui ali a Carlos Gomes, ali não tem uns cachorros-quentinhos? "Vamos embora filho, senta aí, desce todo mundo. Mas, a gente não ia para o Flor? Calma, senta aí. Quer cachorro-quente? Eu quero. Então come, come". Rapaz, saíram tristes. Gastei R\$ 50,00 com os cinco meninos. Chegaram lá no Flor do Maracujá, tristes, não queriam nem olhar, nem cheirar cheiro de comida. Agora por que pessoal? Por que se eu levo aqueles cinco lá para consumir lá dentro do Flor do Maracujá, podia colocar dinheiro. E aí eu falo para vocês, eu tenho condições, mas e aquele que está lá na ponta que não tem? Aquele pai de brincante, aquele pai de brincante que leva que ele não tem nem dinheiro, praticamente, nem para ir, para chegar lá e ver o seu filho com fome e ele não tem nada. Como é que fica, pessoal?

Então, eu, eu estou aqui para defender o povo e nós vamos fazer isso porque eu falo "juntos nós somos mais fortes". O que a gente precisa hoje? O que a gente precisa hoje, mais uma vez, deputado, é só conseguir a verba de patrocínio com essas empresas ou com qualquer outra que queira, que esteja vendo aí, a gente precisa que você apoie

a nossa cultura, a gente precisa que o Flor do Maracujá cresça ainda mais, mas a gente precisa de vocês, mas com o patrocínio, para que aí sim, eu posso direcionar aos grupos, a Federon, e a Federon faz a divisão que tem que fazer, todas as demandas. Não é retirando, quando eu falo os grupos, pessoal, eu tiro, só não falo a..., mas a gente pode passar todinho para a Federon.

E aí qual, é a proposta do Governo do Estado de Rondônia? Todas essas demandas serão feitas. Quando se falou em taxa, pessoal, foi feito um acordo mútuo entre Governo e Prefeitura justamente pensando nessas taxas, para quê? Então, a Prefeitura tem que quebrar algumas taxas que são cobradas e, eu como Estado também, têm algumas taxas que podem ser quebradas, só que têm algumas que são Leis, então não pode. Isso aí nós temos que pagar mesmo sendo do Estado nós temos que pagar e assim nós faremos. Depois, uma excelente proposta, a qual eu anotei aqui, para a gente buscar junto aos parlamentares uma isenção do Flor do Maracujá, e aí vai ser uma briga porque todos os outros vão querer fazer, mas mesmo assim a gente está no nosso maior evento.

Então assim, o intuito da Sejucel é fazer o Flor do Maracujá, todas as ações, todo mundo que liga para mim, fala comigo no WhatsApp, se eu não responder agora, alguma hora quando eu tiver tempo para responder eu respondo, a porta da Sejucel sempre esteve aberta e sempre estará para a gente conversar.

Agora quando eu falo, quando foi falado, e eu peço até perdão Fernando, mas não é por culpa nossa em relação à palavra que foi citada por outras pessoas, em relação, entre aspas, a "quadrilhas", não foi pelo Governo do Estado de Rondônia, não foi pela Sejucel, está bom? Não foi. Pessoas que viram, pessoas que falavam alguma coisa, e aí

fica, se a gente for falar que o dito pelo não dito, o que o outro falou, o que o outro falou, eu não trabalho dessa forma pessoal, eu trabalho com isso aqui, olha, papel. Então, o que você vir de mim, alguma coisa minha, está aqui, olha, está escrito no papel, está bom? Então eu peço perdão por alguém que tenha falado, provavelmente, sei lá, foi infeliz no que falou, mas isso não foi do Governo do Estado de Rondônia.

Em relação a nossa proposta, é que o Governo do Estado de Rondônia mantenha-se fazendo toda essa organização e a Federon faça sim o concurso que nós vamos buscar o patrocínio para o concurso, não é para mostra não, é para concurso. Coisas que vocês nunca receberam premiação, está aí no papel pessoal, é isso que nós queremos, é isso que nós queremos, está bom?

Em relação ao Professor que falou lá em relação aos jurados, concordo plenamente porque eu não tenho a capacidade técnica para falar, você tem. É uma coisa que não pode ser mudada? Foi o que o deputado acabou de falar, nós somos moldáveis. 'Ah! Vamos fazer juntos, alterar essa proposta aqui porque os jurados não têm conhecimento técnico', a gente faz, mas faz em conjunto, está bom? A gente faz.

Outra coisa que eu tive que mudar, que eu também não sabia, tem o Grupo de Acesso, aí na premiação não tinha Grupo de Acesso, já mudamos. Colocamos a premiação também do Grupo de Acesso porque também são merecedores de tal evento.

Então assim, o que a gente quer falar é que a gente está à disposição para fazer, a gente está à disposição para trabalharmos juntos para fazer o Flor do Maracujá, está bom?

Então só algumas demandas que ainda têm, que foram faladas, a questão do espaço, várias pessoas que vieram aqui falaram bem assim: "o espaço é inadequado, o espaço é inadequado, o espaço é inadequado".

O SR. MARCELO CRUZ - Secretário, só para o senhor depois responder. Se não conseguir esse patrocínio, como é que fica a situação dos Grupos, se não conseguir? A segunda pergunta é a seguinte, é louvável isso que o senhor está trazendo a questão de o custeio ficar um pouco mais barato para a população de Porto Velho na hora que for lá no algodão doce, no refrigerante. Tem condição de isso ser tabelado também?

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Temos.

O SR. MARCELO CRUZ - Porque pode ser, eu não estou falando de vocês que estão aqui, mas pode ser que chegue lá e vai vender o refrigerante a R\$ 10,00. Faltou refrigerante aqui do lado ele vai lá e coloca R\$ 10,00. Então, tem que ter uma fiscalização rigorosa em cima disso também.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Perfeito.

O SR. MARCELO CRUZ - Tem que ter uma tabela.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Perfeito, perfeito.

O SR. MARCELO CRUZ - Eu acho que isso é importante. Então, essas duas perguntas, se não conseguir o patrocínio como é que fica a situação dos grupos, que pode não conseguir, e a questão da tabela.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Vamos lá. Em relação ao patrocínio, por isso que eu falei para vocês, fui até a Casa Civil e falei: "eu preciso de apoio", estou falando para vocês aqui, nós precisamos de apoio. Se a Federondisse aqui que já está garantido os R\$ 200 mil que a Marquise só passa eles..., Não está, não é? Então nós vamos atrás, pessoal. Então, nós vamos atrás. (pergunta fora do microfone). Você está falando desse Projeto aqui?

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES ROCHA - O que nós estamos querendo aqui é fomentar os grupos. Em nenhum momento se falou aqui como é que os grupos chegam lá. Uma premiação é aquilo que você vai chegar buscar. Mas como é que os grupos chegam para buscar essa premiação? Primeiro tem que arrumar os grupos, vestir bonitinho, há custos e esses custos que nós estamos discutindo. Invés de ser disputado quase R\$ 200 mil de premiação aqui, que só 05 ganham e fica o restante sem olhar, vai ficar quebrado. Então, vamos fazer como nós fazíamos, igualitariamente, vamos somar todo mundo. É isso. Pegar tudo aquilo que tem, ao invés de dar premiação, que uns ganham outros não; aos que ganham, parabéns e os que não ganham? Dois mil reais para gente chegar lá, é uma questão assim. Como eu disse para o senhor, nós não estamos trabalhando por dinheiro, que se fosse trabalhar por dinheiro, desde 2014 não existia Flor do Maracujá, que nós não recebemos um centavo.

O que nós queremos, é fomentar a cultura, e o incentivo aos grupos folclóricos, que eles precisam ter condições de se apresentar. É isso.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - O Senhor falou justamente o que a gente falou aqui, Fernando. Então, a redundância foi em relação justamente ao que eu falei tudo anterior. Nós queremos sim ajudar os grupos. Teve um Presidente que falou comigo: "Jobson, porque você não altera esse valor, diminui, coloca um pouco a mais para o grupo". Dá para ser feito. Desses R\$ 263 mil, pessoal, R\$ 84 mil já são diretamente aos grupos, diretamente. Aí teve um que falou: "porque o acesso não tem que ser preço, tem que ser um valor". Eu falei: "olha, cada qual aqui vai defender a sua área". Porque se eu chegar para o Grupo de Acesso e falar: você vai participar, mas você vai receber só x e o outro não vai receber. A gente tem que entrar em consenso juntos para que não tome uma decisão injusta.

Então, o que eu quero falar para vocês é, em relação ao patrocínio, a gente está esperando resposta de algumas pessoas, têm sim patrocinadores que já queriam entrar, mas com valores baixos, a gente falou: "não, espera aí, esse valor não é o suficiente". Estou esperando a resposta das cervejarias, se vai ser patrocínio ou se vai ser troca de serviços, porque se for troca de serviços não vai atender o nosso objetivo. Então, a gente está...

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Secretário, uma pergunta que me intriga muito é a seguinte: como é que era feito antes? Vamos lá, o Governo do Estado entrava com o que antes? Antes, o Governo do Estado. Qual era a participação do Governo do Estado? É o primeiro ano de

vocês, então vocês já têm o histórico de como eram os governos passados. Como é que era feito?

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Então, em 2013, 2014 teve a enchente o qual o MP orientou que o Estado não utilizasse nenhum centavo para nenhuma área, a não ser para aquelas famílias, que eu concordo também que foi a melhor posição. E aí, de uma forma, para não falar de gestões anteriores, de uma forma que foi feito um acordo junto para que a Federon fizesse, para que a gente não perdesse o ciclo Flor do Maracujá. E assim foi feito, e excelentemente foi feito.

Entretanto, no ano anterior, o que é que as pessoas fizeram em gestão? - Ah, já fez, está aí, eu vou te dar só o dinheiro. Concordo também que não foi feito preparação do terceiro setor, que são vocês, em relação à prestação de conta, em relação à prestação de serviços, em relação a todas as demandas que não são fáceis de se fazer. Então, o que é que acontece? O Estado veio abrindo mão, fechando o olho, 'vai lá, faz', e para mim, vocês acham que seria, vocês acham que estaria ruim para mim seu chegasse e dissesse, 'vou te dar só a estrutura', e virar as costas e deixar acontecer? Não. O que gente quer é justamente isso, fazer o Flor do Maracujá com excelência e assim nós buscamos a proposta de melhorar.

Então o que acontece? O Estado hoje entra com toda estrutura que você pensar do Flor do Maracujá e hoje está feito. Até coisas que nunca existiram, pessoal, até climatizadores nós vamos colocar para ver se a gente consegue atender a nossa população e isso está no papel, está bom?

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Deixa eu entender aqui, rapidinho. Eu acho Secretário, me perdoe, eu acho assim uma falta de inteligência da sua Secretaria. Não vou colocar Governo não, mas da sua Secretaria. Porque se eu tenho hoje o Estado, que estão entrando agora como Governo e Secretário e eu já tenho uma festa que está dando certo. Só tem errado uma coisa, que eu sempre falei isso; os preços que são cobrados dentro são abusivos, os preços, a população não é assistida nesse ponto. Eu lembro, eu vou comer o meu pirarucu a casaca na praça é um preço, chega lá o preço triplica o preço. Então, afasta algumas famílias do Flor do Maracujá, ela não é acessível a muitas pessoas. Então, eu acho que tem que melhorar aí. Mas para melhorar precisamos do apoio do Governo para isso.

Então, se eu tenho o Governo e ele pode trabalhar a estrutura do Flor do Maracujá, local, segurança, bombeiro, a estrutura, eu posso trabalhar a questão dos barraqueiros, pagar quadrilha tudo. Por que eu vou mexer com isso? Pelo amor de Deus! Porque assim, no primeiro ano de governo eu posso trabalhar, já no segundo, depois que acabar o primeiro, faz um grande levantamento de como foi a festa, deu certo? Vamos melhorar. Não deu certo? O governo vai intervir. Mas já intervir de cara, sem conhecer essa problemática, sendo que é para tirar o chapéu, porque o senhor mesmo falou, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018 se não fosse a Federon com as quadrilhas, não teríamos Flor do Maracujá, não é isso? Não teríamos Flor do Maracujá. E agora, corremos um sério risco de termos o local e não termos as quadrilhas, não é? Nós corremos um sério risco de amanhã a Flor do Maracujá, falar assim: ah! já está pronto lá? Negaça, lá está pronto? Vamos usar aquela estrutura para fazer o Flor do Maracujá lá, paralelo, aí rachou tudo.

Então, nós queremos evitar essa rachadura Secretário. O senhor está falando aqui que ainda vai correr atrás de patrocínio. Já era para ter o patrocínio, a festa é agora no mês que vem, não tem mais o que esperar. Aquilo que eu falo, governo é governo, Deputado Eyder, Governo é Governo meu irmão! Governo é Governo! O Governo tem parceiros, o Governo não precisa pedir dinheiro para ele, nós precisamos pedir para os parceiros que têm. E outra coisa, o dinheiro que nós temos hoje, parabéns, Deputado Eyder, R\$ 161 mil, que saiu da sua emenda parlamentar, primeiro ano que recebe emenda, e R\$ 200 mil da Deputada Mariana. Esse recurso pode ir direto para a Sejucel, que a Secretaria é que vai gerir esse recurso. E quanto aos outros recursos, sentam aí os ambulantes, senta-se aí o pessoal de barraca, todo mundo, as quadrilhas, e definem essa questão como vinha sendo definida.

Então, essa é a minha proposta, não mexa nada este ano, deixa acabar. Acabou? Sentamos, fazemos uma grande comissão, muito bem professor, o senhor falou aqui, nós temos que montar essa comissão, porque aqui é um absurdo município cobrar, é um absurdo, é um absurdo! Numa festa cultural cobrar, tem que eximir dessas taxas, é muita taxa, é muito pagamento. Então, ela tem que eximir, SEFAZ, aqui Código de Postura. Código de Postura nem trabalha, quer cobrar o quê, não é? Agora, aí tem o Bombeiro, tem o Bombeiro Civil. O Bombeiro Civil, aí sim, tem que cobrar, por quê? Existe uma lei municipal que já tira das costas do Bombeiro Militar, mas o Bombeiro Civil aí, vai ver um preço melhor para se cobrar.

Então, Secretário, o apelo que eu faço aqui, o senhor nem terminou ainda, mas um apelo que eu faço, vamos rever, não é feio retroceder, não é feio. Eu creio que serve até de... O senhor está começando agora, está com boa vontade,

eu já vi a sua humildade, nós estamos aqui para lhe ajudar. Porque vai que dê errado, aí o senhor vai ter prejuízo até na cabeça, na guilhotina lá na frente. Então, eu não quero isso para o senhor não.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Deputados, se eu tivesse medo de encarar qualquer trabalho, eu não estaria aqui. Então, o nosso trabalho é fazer as coisas acontecerem sim, a gente busca as coisas acontecerem. Mais uma vez, eu falo para vocês, a gente precisa estar junto. Hoje a gente pode estar aqui, mas, amanhã, a gente pode estar junto buscando patrocínio. E como o Fernando falou, se a gente conseguir R\$ 200 mil, será para os grupos; se conseguirmos R\$ 500, será para os grupos, porque o resto da festa já está pronta, pessoal.

A gente está discutindo aqui valores de barracas, discutindo aqui valores de outras coisas mais, mas a gente pode estar brigando aqui para dar um suporte melhor para os grupos. Então, hoje, a gente não tem nada, mas se a gente se juntar aqui Governo do Estado de Rondônia, Assembleia, Federon, todo mundo junto, e buscar esse patrocínio, a gente pode ter muito mais dinheiro para fomentar para o grupo amanhã. Só o que eu quero falar para vocês é que eu não tenho essa força, estou buscando? Estou buscando sim. Fomos com a Caixa Econômica, fomos com todas as outras demandas, fomos com todas as outras ações, só que não é uma coisa assim, 'me dá logo o dinheiro aí', e amanhã tu tem, não é assim, é planejamento. Ah! Ele vai entrar com patrocínio, a Caixa Econômica, a gente entregou o documento para eles, mandaram para Brasília para vir à resposta. Então, daqui, a Uniron. Entregamos a proposta para a Uniron, tem que mandar para fora, para ter uma ação lá dizendo, 'pode entrar', não é decisão. A Cristal não, a

Cristal, os outros pequenos, pequenos que eu digo, assim, que não, a gente não pode chegar e pedir, chegar e falar que vai dar R\$ 200 ou R\$ 300 mil, porque a gente sabe que vai querer tirar posteriormente, aí vai acabar atrapalhando o nosso trabalho.

Então, a proposta que eu mantenho, deputado, é que a gente esqueça toda a organização que já está pronta, que a Federon se organize em relação à participação do concurso, quem entra, quem sai, quem vai fazer, e a gente buscar junto patrocínio para a gente apoiar os grupos do Flor do Maracujá, tanto Boi-Bumbá, como quadrilha, está bom?

Então, isso, nós vamos buscar juntos, porque eu sei que com a força de vocês, com a força dos senhores e com a força do Governo do Estado de Rondônia, a Prefeitura, que também vai entrar atrás também do patrocínio para que a gente possa fazer, e aí sim, a gente ir entregar de forma imediata para os grupos, e dizer bem assim: está aí o dinheiro, se preparem. Mas eu tenho certeza disso, pessoal, se a gente tivesse feito isso anteriormente, hoje a gente não estava discutindo nada. Só que vocês têm que entender que o que tinha para o Flor do Maracujá, eram R\$ 200 mil. Era só isso que tinha, não tinha planejamento, não tinha nada feito, não tinha nada. Se eu estiver mentido aqui, quero que Deus me cegue. Eu falei, "me dá o registro das 37 festas anteriores do Flor do Maracujá", não tinha nada.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Secretário...

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Então, assim, o que eu quero passar, deputado, é essa ação. O Flor do Maracujá, já está pronto, o material já está pronto.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Eu vou fazer uma proposta aqui à Mesa aqui. Como eu pedi esta Audiência Pública, na condição de Presidente desta Audiência, se os deputados puderem me acompanhar, eu também agradeço. De se montar uma Comissão mista, Sejucel e Federon para que já agora, hoje, eu também me coloco à disposição, o Deputado Eyder também, o Deputado Marcelo Cruz, de a gente reunir hoje ou até amanhã, porque nós temos também que ir para a Rondônia Rural Show, a gente vai à manhã já, mas a gente coloca, marca a data, senta, para que nós possamos buscar essa harmonia. Federon, uma Comissão mista da atual Secretaria juntamente aí com a Federon e as pessoas que compõem os representantes, é possível a gente fazer isso?

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Perfeito, não me incomodo. Eu até, a proposta foi na organização, que tem a gente da Federon, a proposta foi até na organização que tem a gente da Federon juntamente com a gente, tanto a nossa como a deles também para o acompanhamento de repasses para os grupos e para todas as ações. Ou seja, a gente vai fazer em conjunto todas as ações, o que não dá é para eu retroagir o que já foi feito.

Todos esses documentos que eu passei para os senhores, essas ações, os processos já foram abertos e já estão todos prontos. O que a gente não tem agora, mais uma vez eu repito, é o patrocínio. Vamos juntar, vamos brigar juntos para o patrocínio para que amanhã a empresa possa repassar aos grupos e a gente sana todas essas ações e aí entra a questão organizacional. Eu não seria hipócrita e chegar aqui e dizer que eu consigo fazer, conseguir até que a gente consegue, mas seria uma dificuldade imensa porque quem tem o conhecimento técnico são vocês, as pessoas que fazem a festa acontecer. E aí sim, a gente entra para fazer

toda a organização e vocês dizerem para mim: - Jobson, a gente precisa disso, disso, disso, disso. E a gente vai trabalhar juntos para fazer o Flor do Maracujá.

O SR. MARCELO CRUZ - Secretário, só mais uma coisa, que bom que o senhor está aí. O Fernando, na fala dele na hora em que ele saiu, ele disse: "olha, se não for desta forma, a Federon e os grupos não irão participar".

A gente se preocupa porque sem os grupos não tem Flor do Maracujá, não tem a festa, não é mesmo? De tudo isso que se ouviu do Secretário, eu quero saber o posicionamento da Federon, dos grupos, porque a gente precisa sair daqui pelo menos, porque daí fica a preocupação da gente, a gente precisa esclarecer. Aí, vocês ambulantes não vão ter para quem vender, e aí? Porque quem leva o povo dos bairros também são os grupos, porque cada um desses grupos é de um bairro, como é que vai? Então, eu preciso entender isso. Fique aí, Secretário, não sai daí agora não.

O SR. FRANCISCO FERNANDO RODRIGUES DA ROCHA - Fique aí Secretário, vamos discutindo. O que, bom o que está bem, está até gravado aí, o que se discutiu aqui foi palco e a questão dos ambulantes que são parceiros em qualquer evento. Em nenhum momento se falou que já tem para os grupos. Vocês sabem o que é preparar um grupo, deputado? O senhor conhece porque o senhor vive neste meio, o Deputado Jair, o Deputado Eyder Brasil conhece esse movimento. Têm grupos aqui se preparando por conta própria, aqueles que venderam suas feijoadas, fizeram seus eventos muito bonitos, por exemplo, mas têm outros que ainda estão capengando, que é a questão dos grupos de acesso, aqueles menores. O Raimison mesmo me falava o seguinte, "seu

Fernando se não tiver ajuda o Orgulho do Madeira que está no grupo especial não poderá vir participar”.

Para nós, é muito triste, deputado. Nesse que nós estamos discutindo de patrocínio que o senhor falou, teria que estar lá, há dois meses, nós estarmos lá confeccionando. O senhor sabe quanto passa uma costureira não só uma, mas cinco, seis, só para um grupo? É mais de um mês confeccionando, e do jeito que está aí a proposta, dia 27, 28 já começa o Flor, daqui um mês. Como é que nós vamos nos preparar para uma festa dessa?

Então, isso que nós estamos discutindo hoje, já era para estar lá atrás. A estrutura é a última que tem que entrar, porque em 10, 15 dias montamos tudo. Agora, montar grupos são meses e meses. E aqui tem alguns brincantes, que a gente parabeniza por terem participado, porque muitas vezes, nos nossos pátios, nós não divulgamos senão eles ficam tristes, “por que nós estamos ensaiando, para onde é que nós vamos?”. Porque tem gente que se a gente pedir um real ele falta ao ensaio naquela noite. Gente, não é fácil!

Aqui na proposta que o Secretário está fazendo, você tem boas ideias e é isso que tem que encaminhar. Eu lhe garanto que para esse ano não dá tempo.

O SR. MARCELO CRUZ - Fernando...

O SR. FRANCISCO FERNANDORODRIGUES DA ROCHA - Não dá mais tempo, nós temos que pensar isso em outro momento. Se caso o recurso privado vier, tinha que ser hoje, amanhã, até o dia 25 nós demos o prazo, para que a gente se prepare durante um mês para ir tudo bonitinho. Porque para fazer um

Flor do Maracujá pior do que o ano passado, para nós é um... Está bom?

O SR. MARCELO CRUZ - Obrigado. Secretário, então assim, se o senhor puder dar um prazo para a gente, foi até o dia 25, não é? Eu acho que ceder um pouquinho mais, inclusive hoje eu vou estar na Prefeitura, vou conversar com o Prefeito para ver se ele consegue dar uma apertada na questão da Marquise, que ela sempre vem patrocinando, ajudando, que eu acho que é isso, é somar forças de todos os lados. Não adiante vir aqui falar, falar e não ajudar. Então, hoje eu vou tentar trazer uma resposta positiva.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Na realidade o prazo não é meu, da Sejucel, o prazo é nosso, pessoal. Está se falando, jogando aqui para mim, que eu tenho que arrumar patrocínio, espera aí, nós não estamos juntos? Quer dizer, que parceria é essa? O prazo é nosso, vamos atrás todo mundo aqui. Eu tenho treinamento, quem não sabe eu sou agente penitenciário e tenho treinamento, Comandante, a gente pode ficar até seis dias sem dormir, se precisar seis dias sem dormir para a gente trabalhar para o Flor do Maracujá, eu estarei lá.

Só que é assim, só falar, "vai lá e me dá prazo, me dá isso", a gente não consegue fazer. Agradeço ao Deputado Marcelo Cruz por já estar se propondo em já buscar uma parceria. Irei lá às Cervejarias hoje ou amanhã, eu tenho que atender minha agenda, depois de amanhã estarei em Brasília para falar sobre os jogos indígenas com o nosso Senador e por que não tentar com o Senador também para ele dar uma força para a gente aqui com patrocinadores?

O que eu tenho a falar para vocês é: já está pronto. O que a gente precisa agora é dar suporte aos grupos. Como é que a gente dá suporte aos grupos? Com os patrocinadores. E isso eu não tenho força para fazer sozinho, eu preciso de vocês.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) -Deixa-me falar aqui rapidinho, que o Deputado Eyder vai falar.Federon, é possível montar esta Comissão mista, para tratar tudo. Para tratar tudo do Flor do Maracujá. É possível ou não? A gente vai estar junto. A gente vai estar junto, é possível? A gente vai ter que ceder um lado, ceder outro, Severino, senão vai acabar um dançando na rua, outro dançando no Flor do Maracujá, aí não tem... É possível ou não? Fechou? Segunda-feira que vem,pode ser segunda? É o tempo que a gente vem de Ji-Paraná, o senhor vai a Brasília, segunda-feira, às 09:00 horas, onde? Lá na Sejucel, às 09:00 horas na Sejucel?

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Não tem lanche também não.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Não, sem problemas. Às 09:00 horas eu levo o lanche, 09:00 horas na Sejucel. Então, está. É pequeno? A Federon comporta? Pode ser Secretário, na casa dos homens?

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Tranquilo, não tem problema não. Eu já fui lá, já fui lá outras vezes.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Agente Penitenciário vai a qualquer lugar, aí não tem medo não. Aí é forte. Fechado, então?

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Tranquilo. Ok.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Às 09:00 horas, uma comissão. Também não é muita gente não, é a comissão que vai decidir.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Isso.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - A Secretaria leva a parte jurídica dela, os técnicos, e a gente vai.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Se Deus quiser a gente chega à segunda já com a resposta, todo mundo junto para falar: já está aqui o dinheiro, vamos embora grupo, vamos trabalhar.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Secretário, obrigado. Então vamos ouvir aqui o Deputado Eyder Brasil que vai encerrar para nós aqui. É o palestrante oficial, o Deputado Eyder Brasil, Líder do Governo, quem sabe ele dá mais R\$ 200 mil. Vamos ver aí, qualquer coisa a gente ajuda também.

O SR. EYDER BRASIL - Obrigado meu Presidente, Deputado Jair Montes, mais uma vez aqui falando sobre cultura. E, aí eu lembro que dezembro do ano passado, eu ainda não havia sido nem diplomado pelo TRE e a FESEC e a Federonme convidaram para ajudar numa gestão política junto ao DER, a questão do Projeto da Nossa Cidade da Cultura. Um recurso de 14,5 milhões estava para ser devolvido aos cofres do Ministério, voltando para Brasília e a gente conseguiu, através do nosso trabalho político, fazer com que esse Projeto caminhasse, lembra Fernando? Lembra que nós estivemos lá no gabinete do Diretor Geral do DER, várias reuniões. E, depois me sentei com o Presidente da FESEC, o Macumbinha, onde nós tentamos ajudar de alguma forma. A questão do Carnaval, infelizmente, a Prefeitura não aceitou as nossas demandas e não houve desfile das escolas de samba. Mas a gente conseguiu apoiar, de alguma forma, alguns blocos de rua aqui da nossa Capital.

E, agora temos o problema da Flor do Maracujá. Lá atrás, atendendo um pedido do Fernando, da necessidade da estrutura, do Jobson, nos reunimos lá na Sejucel, onde nos comprometemos em ajudar inicialmente com R\$ 140 mil, esse era o pedido. E, aí depois, foi me passado uma atualização que passou para R\$ 160 mil e da mesma forma, prontamente, eu ajudei. Acredito que precisamos fazer aquilo que estamos nos propondo a fazer. Sentarmos todos os agentes que fazem parte dessa grande festa e resolver o problema.

Fernando, me corrija aqui, é a 38ª edição? 38º este ano. Ou seja, se passaram 37 anos e ninguém resolveu o problema do Flor do Maracujá, 37 anos e a gente não consegue ter um registro do Flor do Maracujá.

E, aí eu lembro que fui enquanto morava na cidade de Manaus, numa cidadezinha pequena, lá em Manaus, no interior onde tem a Ciranda, é tão pequena que até agora esqueci o

nome, Manacapuru! E, lá tem o Cirandródomo. É um espaço físico, bonito estruturado, é uma cidade que é do tamanho de Candeias, se não for menor, à beira do rio, e lá tem um Cirandródomo, porque a cultura deles lá é a Ciranda. E nós, com 38 anos de Flor do Maracujá, não temos um local onde as quadrilhas e os bois-bumbás possam se apresentar.

Sábado passado eu estive prestigiando o evento da JOABP, dois sábados anteriores o Flor do Maracujá fez um evento no Ipiranga. A cultura de Rondônia, em especial aqui de Porto Velho, continua vivendo de puxadinhos. Os agentes culturais, produtores culturais continuam o piresinhos de gabinete em gabinete, de empresa privada em empresa privada para fazer cultura aqui em Porto Velho. E isso é inadmissível, Fernando! Isso é inadmissível!

O que a Sejucel este ano de 2019, no primeiro ano do Governo Marcos Rocha quer fazer é resolver esse problema. E aqui eu quero parabenizar o Jobson por ter tido a coragem de chamar vocês para conversar e resolver. Porque pelo o que eu entendi, até agora o que foi feito, é tipo: pega isso aí e te vira e faz acontecer. E por isso eu quero parabenizar a Federon e todos vocês dos grupos folclóricos, os presidentes de bois-bumbás e quadrilhas juninas, por terem tido a coragem de manter viva a tradição da nossa Capital. Realmente é de tirar o chapéu e parabenizar, porque vocês suportaram a cultura do nosso Estado por todos esses anos.

Mas agora vocês têm um parceiro e vocês não têm uma pessoa que querem tirar de vocês a festa que é de vocês. Vocês têm que ver o Superintendente da Sejucel, hoje, como um parceiro que quer resolver e que está disposto a resolver. Vocês têm um deputado estadual, hoje, que quer resolver, que já destinou dinheiro particular, tirei do meu bolso para ajudar no Carnaval, porque eu ainda não era

deputado, eu não tinha emenda parlamentar, tirei da minha conta bancária e ajudei alguns blocos. E, agora com emenda parlamentar destinei R\$ 160 mil. Mas isso não é questão de aplausos para mim e eu nem quero. Isso é uma obrigação minha como representante do povo e, eu sou do povo, já recebi o título aqui, agora, de o deputado dançarino, não é Zé Katraca? Porque eu sou isso mesmo, porque o deputado é um mero representante do povo. Ao chegar nesta Casa, é inconcebível que os 24 parlamentares aquisubam no mais alto dos céus e não consiga tocar o solo junto com vocês, porque nós viemos do lado de vocês, nós somos povo também. E por isso, a gente entende que a Federon tenha um problema judicial que impede de receber recurso. Isso não é um problema que é do Jobson ou problema que é desta Casa, mas nós estamos parceiros para resolver. Emendas parlamentares como da Mariana Carvalho, como as minhas, não podem ser repassadas direto para a conta da Federon, por conta desse problema judicial. Mas da mesma forma, nós estamos sendo parceiros da construção da estrutura, estamos juntos pela Flor do Maracujá.

Quando se falava aqui no inicial e falávamos sobre o Flor do Maracujá, a única lei que eu recebi, foi a lei colocando o Flor do Maracujá no calendário. Eu já estou entrando com um requerimento nesta Casa para que o Flor do Maracujá passe a ser um patrimônio cultural e imaterial do Estado de Rondônia, assim como outro requerimento para dar utilidade pública para o Flor do Maracujá, para que no ano que vem quem quer que seja, seja governo, seja Federon, as taxas sejam isentas. Porque o que pesa no bolso do povo, no bolso do brasileiro é a carga tributária e com o Flor do Maracujá não é diferente, com os empresários não é diferente. O que encarece o preço é porque nós temos a carga tributária muito alta. Mas, em nível de Estado, nós desta Casa aqui, e aí eu convido meus amigos Deputados Jair

Montes e Marcelo Cruz a estarem conosco, resolvendo uma pequena parte desse problema que é o Flor do Maracujá, que é a questão dos impostos, a questão das taxas.

E aqui eu me coloco mais uma vez à disposição. Enfim, temos muita coisa para fazer, a nossa festa já está bem aí, com menos de dois meses, um mês e pouquinho, não podemos ficar nessa queda de braço. Porque se a Federon não ganhar, os ambulantes não ganham, o povo não ganha. Se os ambulantes não ganharem, a Federon não ganha e o povo não ganha. Então, parabenizo o Deputado Jair Montes por ter proposto esta Comissão, me coloco à disposição, Fernando, para ajudar. O que eu vejo, que a única saída é nós sentarmos e conversarmos. Vai trazer patrocínio?vai cobrar, pelo menos mais este ano, uma pequena taxa para que seja investido para os grupos? Não sei qual vai ser o resultado que vamos encontrar, estou colocando aqui expectativas, mas podem contar comigo e tenho certeza que com toda esta Casa. Fico à disposição, Fernando, e mais uma vez vocês vão estar lá, a gente vai estar junto, porque este ano vai acontecer sim onosso Flor do Maracujá. Já apanhei nas redes sociais por ter destinado R\$ 160 mil para o Flor, mas não tem problema nenhum, eu faço aquilo que a minha essência manda. E a cultura do meu Estado, a cultura da minha cidade, para mim, é muito importante. Obrigado.

O SR. JAIR MONTES (Presidente)- Antes de encerrar nós vamos passar para o Secretário que quer dar suas explicações.

O SR. JOBSON BANDEIRA DOS SANTOS - Quando o Deputado Eyder falou em relação a cobrar da barraca, eu tinha feito um acordo com vocês em 20 lanches que era para passar para

os grupos. Só que o que acontece? Quando a gente foi fazer o cálculo, esses 20 lanches iriam dar mil reais. Aí nós não vamos fazer isso. Nós vamos ver uma taxa, alguma coisa, alguma forma de a gente fazer, porque a gente viu isso também que no final das contas a gente ia acabar cobrando em produto e aí a empresa vai fazer, "não, não é de graça não".

O Governo do Estado de Rondônia vai pagar para dar o suporte para os brincantes, pode contar com a gente, que nós vamos fazer isso aí. Fiquem com Deus.

O SR. JAIR MONTES (Presidente) - Eu quero agradecer a presença do Deputado Eyder Brasil, do Deputado Marcelo Cruz, o Hélio que já esteve aqui e já foi; Jobson, Secretário da Sejucel; o Sr. Saulo Giordane, da SETUR; a Capitã Michelly, representando o Comando Geral da Polícia Militar; o Major Bombeiro Iranildo de Andrade; o Sr. Francisco Fernando Rodrigues Rocha, Presidente da Federon, e em nome dele cumprimentar e agradecer a todos que vieram aqui.

Espero que esta Audiência Pública que foi proposta por nós, que ela tenha surtido efeito e que ela surta efeito para que possamos encontrar a solução para a nossa cultura. O Governo começa agora, mas que possamos ter daqui a três anos, paz, que nós queremos paz. E a gente vai nessa Comissão Mista, Fernando, segunda-feira, às 9:00 horas, na Federon, deputados, juntamente com a Secretaria buscarmos o caminho, buscarmos a solução.

E lá, Fernando, nós colocamos um papel, aquilo que você me pediu aqui, se a Sejucel não conseguir tocar como tocou os anos anteriores, ano que vem a gente buscar uma nova fórmula. Nós vamos sentar primeiro, vamos

sentar, buscar alternativas. Eu creio que está todo mundo aqui imbuído, professor, de buscar o melhor caminho de chegarmos aqui à solução. Esse é o nosso papel como deputado, o papel do Deputado Eyder, papel do Deputado Marcelo, as minhas emendas ainda têm alguma coisa, ainda dá para trabalhar. Estou ajudando aqui a quadrilha Girassol, R\$ 60 mil, que é um compromisso meu que eu fiz com eles, para a Girassol. Eu sou assim, quem me ajuda, eu ajudo, quem me ajuda está comigo. Mas quem não ajudar, também estou ajudando, estou aqui para ajudar.

Então, pessoal, no mais, invocando a proteção de Deus e em nome do povo rondoniense, declaro encerrada a presente Audiência Pública. Tenham todos uma boa-tarde.

(Encerra-se esta Audiência Pública às 12 horas e 23 minutos)

(Sem revisão dos oradores)